



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
LICENCIATURA PLENA EM HISTORIA**

**DEISILEISLE DE ALMEIDA PEREIRA**

**AS MERETRIZES JACOBINENSES: COTIDIANO E TRABALHO NOS CABARÉS  
DE JACOBINA NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980**

**JACOBINA**

**2014**

**DEISILEISLE DE ALMEIDA PEREIRA**

**AS MERETRIZES JACOBINENSES: COTIDIANO E TRABALHO NOS CABARÉS  
DE JACOBINA NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Andrade Vieira.

**JACOBINA**

**2014**

**DEISILEISLE DE ALMEIDA PEREIRA**

**AS MERETRIZES JACOBINENSES: COTIDIANO E TRABALHO NOS CABARÉS  
DE JACOBINA NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

**Banca Examinadora**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Andrade Vieira – UNEB  
(Orientadora)**

---

**Prof. Dr. José Carlos Araújo Silva – UNEB**

---

**Prof. Me. Ricardo dos Santos Batista – UFBA**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e coragem ao longo dessa caminhada.

Os meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização deste trabalho, em especial à minha orientadora professora Dr.<sup>a</sup> Claudia Andrade Vieira, por compartilhar os seus conhecimentos acerca das relações de gênero e muitas outras temáticas pertinentes. Agradeço também pela paciência e incentivos na orientação, que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Aos professores que me acompanharam durante a graduação, em especial os professores José Carlos Araújo Silva e Ricardo Batista, por terem aceitado prontamente o convite para participar da banca examinadora. Agradeço também a José Alves e Edvaldo Hilário pela ajuda providencial no fornecimento de mapas e formatação das imagens.

A minha mãe pelo carinho e auxílio nas mediações das entrevistas, a Gleiton, Zatará e Bira pelo companheirismo em todo esse percurso.

A Maria Domingas (Maria Buxinho) por fornecer informações preciosas acerca de sua trajetória no meretrício das Laranjeiras e os demais entrevistados.

Agradeço também aos companheiros da “equipe Cão” (Cleidiane, Dayse, Elizeu, Isabela, Jackeline, Júlio, Noélia e Tatiane) pelo carinho e apoio nos momentos difíceis e pelas farras proporcionadas ao longo do curso.

Por fim e não menos importantes, agradeço os colegas de graduação de um modo geral.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o cenário da prostituição na cidade de Jacobina entre as décadas de 1970 e 1980, tomando como eixo condutor a trajetória de vida de Maria Domingas (Maria Bixunho), ex-prostituta que atuou na Rua das Laranjeiras no decorrer destas décadas, com o intuito de analisar a dinâmica dessa atividade, com destaque para as relações sociais e comerciais estabelecidas nos meretrícios da Rua das Laranjeiras. Neste sentido, buscamos compreender a dinâmica social das mulheres no cotidiano do seu trabalho nas casas de prostituição da Rua das Laranjeiras, na cidade de Jacobina - Bahia. Os estudos foram desenvolvidos através da realização de visitas de campo, seguidas pelas entrevistas com ex-prostitutas, ex-moradores da rua, comerciantes donos de boates. Fontes judiciais e iconográficas também foram adotadas, como a análise de processo criminal, fotos, mapas e os estudos relacionados à temática.

**Palavras-chave:** Prostituição; estudos de gênero; história do cotidiano.

## ABSTRACT

This research aims present the scenario of prostitution in the city of Jacobina between the decades from 1970 to 1980 starting of life story of Mary Domenica (Maria Bixunho), a former prostitute who worked in the Laranjeiras street during these decades. In order to analyze the dynamics of this activity, highlighting the social and business relations in meretricious at the Laranjeiras street. In this sense we try to understand the social dynamics of women in their daily work in their homes prostitution at the Laranjeiras street, in the city of Jacobina, Bahia. Studies were developed through interviews with former prostitutes, former homeless, nightclub owners who traded in the period, also through field visits, review of criminal prosecution, photos, maps and studies related with the theme.

**Keywords:** Prostitution; gender studies; history of everyday life.

## LISTA DE IMAGENS

**IMAGEM 1:** Aerofoto com a localização da Rua das Laranjeiras e adjacências ...

**IMAGEM 2:** Ruínas da residência de Joelita de Cadoclo, na Rua das Laranjeiras

**IMAGEM 3:** Antiga casa de prostituição de Zé Pretinho na Rua das Laranjeiras .

**IMAGEM 4:** Antiga residência de Zé Capuchinho na Rua das Laranjeiras .....

**IMAGEM 5:** Maria Buxinho com seus 3 filhos à esquerda e o sobrinho do seu  
companheiro.....

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 CAPÍTULO .....	21
1.1 Desenhando o cenário do meretrício .....	21
1.2 Dentro do cenário.....	26
2 CAPÍTULO .....	34
2.1 Marias e Marias: o cotidiano de mulheres que trabalhavam como prostitutas na Rua das Laranjeiras .....	34
2.2 As Relações corporais no meretrício.....	39
2.3 Lazer e sociabilidades no meretrício.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
FONTES .....	52
REFERÊNCIAS .....	53
ANEXO 1	



## INTRODUÇÃO

O interesse por estudar a prostituição da Rua das Laranjeiras em Jacobina no decorrer das décadas de 1970 e 1980 surgiu das minhas inquietações enquanto moradora de uma das ruas vizinhas à das Laranjeiras. Neste período, meu avô materno era proprietário de um estabelecimento neste local, criando um ambiente propício às fofocas, mexericos, rumores, boatos acerca da vida cotidiana dessas mulheres. Durante anos foram muitas as histórias que ouvi e se tornaram essenciais para a escolha do tema desta monografia, em que a trajetória de vida da ex-prostituta Maria Domingas, popularmente conhecida como Maria Buxinho, teve maior relevância.

Este trabalho tem como objetivo apresentar o cenário da prostituição na cidade de Jacobina, entre as décadas de 1970 e 1980, através da trajetória de Maria Buxinho, com o intuito de compreender a dinâmica dessa atividade conhecida como sendo a mais “antiga das profissões”, com destaque para as relações sociais e comerciais estabelecidas nos meretrícios da Rua das Laranjeiras. Neste cenário outros espaços públicos da cidade também serão retratados, visto que elas iam às compras e traçavam redes de sociabilidade.

Esta pesquisa teve também a intenção de conhecer os bastidores dessas relações que se desenvolviam nesses estabelecimentos entre as prostitutas, os clientes, os proprietários e a sociedade de modo geral, e como se desenvolviam as relações sociais e cotidianas na Rua das Laranjeiras na cidade de Jacobina nas décadas de 1970 e 1980.

Para o desenvolvimento do trabalho, fez-se necessária a estudo do conceito de prostituição, pois segundo os estudos da historiadora Margareth Rago, na obra intitulada “*Os prazeres da noite: prostituição e códigos sexuais femininos em São Paulo (1890-1930)*”,<sup>1</sup> é necessário “buscar abordagens teórico-metodológicas que permitissem dar conta da complexidade do fenômeno da prostituição, evidenciando a singularidade do objeto”. A autora ainda ressalta o fato de que “o conceito de prostituição não pode ser projetado retroativamente para nomear práticas de

---

<sup>1</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Editora: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991, p. 22 – 23.

comercialização sexual do corpo feminino em outras formações sociais, sem realizar um aplainamento violento da singularidade dos acontecimentos”.

Margareth Rago vem dizer também que este surge em meados do século XIX, pautado em uma lógica médico-jurista e de cunho urbano, salientando ainda para o fato da reorganização e modernização dos espaços urbanos, envolvidos por um processo de mudanças ideológicas e culturais, em que a necessidade de controle da prostituição torna-se um fator imprescindível para a preservação da moralidade. Para validar estes ideais, adotou-se a intervenção sobre os corpos, os discursos e também sobre as práticas ligadas aos discursos.<sup>2</sup> Neste sentido, o conceito que norteia o estudo aqui discutido, tem o intuito de esclarecer os questionamentos que permeiam a temática.

O meretrício da Rua das Laranjeiras estava localizado na cidade de Jacobina-Bahia, há 330Km da capital baiana, na região Norte da Chapada Diamantina. Porém, antes de se constituir em uma zona de meretrício, esta era uma região de chácara entre os bairros da Conceição e Caixa D'Água, próximo ao centro da cidade. Com o passar dos anos a área foi sendo desmatada e ocupada, dando origem a novas ruas no entorno. Eis que surge a Rua das Laranjeiras, constituída por pequenos bares, restaurantes e boates, formando um complexo comercial gerador de trabalho e renda para as pessoas envolvidas.<sup>3</sup>

É pertinente salientar que Jacobina está localizada em uma região de mineração e o transitar de pessoas no período estudado era intenso, o que provavelmente favorecia o desenvolvimento do meretrício nessa cidade.

A exemplo do Galeão que foi sendo construído de forma gradual ao longo dos anos, e após a compra do terreno pelo seu, o senhor Petrônio Facchinetti Carvalho, conhecido popularmente como Facchinetti, que estabeleceu seu comércio e deu uma nova visão de prostituição para a cidade. Atraindo mulheres em busca de trabalho, oriundas do Estado da Bahia e de outras regiões do país<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> RAGO, 1991, p. 19.

<sup>3</sup> Informações colhidas através de conversas informais com a senhora Minelva Cipriano Nunes, proprietária de terrenos nas imediações da Rua das Laranjeiras.

<sup>4</sup>BATISTA, Ricardo dos Santos. **Lues Venérea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenções de gênero e sexualidade em Jacobina- BA(1930-1960)- Salvador, 2010. P**

É pertinente salientar que Jacobina está localizada em uma região de mineração e o transitar de pessoas no período estudado era intenso, o que provavelmente favorecia o desenvolvimento do meretrício nessa cidade.

A Rua das Laranjeiras era formada por várias boate, a exemplo da Tabu, Trem de Lenha, Amada Amante, Galo Branco, entre outras. Os estabelecimentos chegavam a contar com um contingente de 10 a 20 mulheres e em determinadas épocas do ano esse fluxo aumentava ou diminuía.<sup>5</sup>

Este estabelecimento, criado em meados das décadas de 1940 pelo seu proprietário, o senhor Faquinete, atraía mulheres em busca de trabalho, oriundas do Estado da Bahia e de outras regiões do país.

Posteriormente foram surgindo outras casas de prostituição, que também eram conhecidas como boate, a exemplo da Tabu, Trem de Lenha, Amada Amante, Galo Branco, entre outras. Os estabelecimentos chegavam a contar com um contingente de 10 a 20 mulheres e em determinadas épocas do ano esse fluxo aumentava ou diminuía.<sup>6</sup>

Nas casas de prostituição havia uma dinâmica muito bem elaborada por seus proprietários. Todos tinham tarefas determinadas, desde o garçom até as prostitutas. Estas tinham a tarefa de conquistar o cliente e gerar lucros para o estabelecimento. Deveriam estar sempre muito bem apresentadas e cumprir os horários estabelecidos pelo proprietário. Em algumas casas não eram servidas as refeições, o que obrigavam essas mulheres a se deslocarem para realizá-las em restaurantes próximos as boates em que trabalhavam.

O custo do programa era pré-estabelecido pelo proprietário da boate, sendo que o cliente tinha que pagar uma quantia pelo quarto que costumava ficar anexo à boate e o pagamento era feito diretamente à prostituta, ao final do programa. O valor variava em torno de 20 cruzeiros, moeda corrente da época, sem incluir os gastos com bebidas, comidas e outras eventualidades.

De modo geral, não era necessário que elas permanecessem no estabelecimento em que trabalhavam. Muitas mulheres tinham a liberdade para sair

---

<sup>5</sup> Informações colhidas através de conversas informais com o Senhor Rubens Teles, morador e proprietário de boate na Rua das Laranjeiras.

<sup>6</sup> Informações colhidas através de conversas informais com o Senhor Rubens Teles, morador e proprietário de boate na Rua das Laranjeiras.

e frequentar outras casas. Em algumas casas, porém, exigia-se a permanência até por volta da meia noite no intuito de garantir o faturamento da casa.

Existia também a hierarquização entre as prostitutas, já que as mais velhas não dividiam o quarto que moravam com uma novata, que teria de se acomodar com as que tinham menos tempo, caso não houvesse quarto suficiente na casa. O aluguel ficava em torno de 100 cruzeiros e era pago ao proprietário por mês e o restante da quantia adquirida no decorrer do mês era de propriedade da prostitua que teria de gerenciar suas despesas com roupas, sapatos, gastos com os filhos e familiares, dentre outros aspectos relacionados ao seu cotidiano.

Descrever o cotidiano da prostituição em Jacobina nesse período é de vital importância para este estudo, pois é possível analisar como elas se organizavam, como gerenciavam suas relações tanto com o proprietário das casas e com os clientes, e a comunidade local.

O trabalho pioneiro de Maria Odila Leite da Silva Dias, que em sua obra intitulada "*Quotidiano e Poder*", discute a relação dos estudos do cotidiano e as relações de poder entre a sociedade e os grupos marginalizados, dentre eles a presença das mulheres, tendo como propósito contribuir para o conhecimento dos papéis históricos e sociais que viabilizem a sua integração na globalidade do processo histórico, sabendo quanto é difícil desvendar o cotidiano das mulheres pobres, devido às limitações das fontes escritas na historiografia social sobre o cotidiano.

Neste sentido, a autora aponta para o fato de se buscar os papéis históricos dessas mulheres através das tensões, mediações nas relações sociais que interagem mulheres, história, que se encontram nas entrelinhas dos documentos escritos. Ela diz:

O descortinar as estruturas do cotidiano ao nível da organização domiciliar, familiar e das parentelas e vizinhanças constituem terreno difícil, onde a historiografia penetra esporadicamente com resultados brilhantes, porém sempre com enorme dificuldade de documentação.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 51.

A historiadora Maria Izilda Santos de Matos, na obra “*Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*”,<sup>8</sup> destaca a importância dos estudos do cotidiano para a abertura de novas possibilidades de pesquisas, pois o estudo do cotidiano na história passou por transformações nos últimos tempos com a crise em torno dos paradigmas tradicionais da escrita da história, que buscava uma revisão dos instrumentos de pesquisa e a “redescoberta” da história do cotidiano possibilitaria estes estudos. Entretanto, o termo “redescoberta” refere-se ao fato desse ser elemento de estudos de períodos posteriores. Sendo assim:

É indiscutível a contribuição da produção historiográfica sobre o cotidiano na ampliação das visões do passado, mas ainda há muito por ser feito, já que grande parte dos segredos a serem conhecidos ainda está encoberta por evidências inexploradas. Nesse sentido, os estudos do cotidiano reconhecem a pesquisa empírica como elemento de construção de sujeitos históricos, analisando as transformações por que passam e como construíram suas práticas cotidianas. [...].<sup>9</sup>

O crescimento dos estudos sobre o cotidiano aumentou desde a década de 1960, com as pesquisas de Braudel e a Escola dos Annales que destacavam a importância dos estudos do cotidiano. E a Nova História amplia o leque de possibilidades fora do campo político, para a esfera do privado, do dia-a-dia, já que os estudos primeiros estavam centrados no mundo do trabalho das fábricas e dos movimentos operários, pois estes ocupavam grande parte da vida cotidiana.

Mary Del Priore em seu livro “*História do Cotidiano*”, se dispõe a conhecer e analisar as relações entre homens e mulheres como eixo possível de reflexão sobre a condição humana, além de compreender e mostrar como nasceram e morreram as mulheres da Colônia aos nossos dias, pois se encontram nos limites da sociedade, junto aos grupos minoritários e falam por meio dos documentos históricos sobre as violências e humilhações que sofreram, ou ainda sofrem.

A autora apresenta que a história das mulheres é também aquela de loucas, de prostitutas, e que não cabe fazer essa história por meio de erros e acertos e sim pela importância de se desvendar as tensões, contradições e negociações que se

---

<sup>8</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.

<sup>9</sup> Idem, p. 30.

puseram em distintas épocas, com a perspectiva de compreender as variadas relações entre essas mulheres e a sociedade da qual fazem parte. Desse modo:

Trata-se de desvendar hoje as complexas relações entre a mulher, a sociedade e o fato, mostrando como o ser social que ela é articula-se com o fato social que ela mesma fabrica e do qual é parte integrante [...].<sup>10</sup>

O século XX, juntamente com as modificações conceituais e metodológicas de História proporcionaram uma abertura para o estudo do cotidiano, pois anteriormente o mesmo não era preocupação dos historiadores que compreendiam apenas os estudos de História Política e Econômica como prioridades. A partir da corrente historiográfica denominada Nova História ele começa a adquirir espaços e intensificam-se as pesquisas sobre temas como a família, as mulheres e os significados dos gestos cotidianos.

Com isso, passou-se a analisar os espaços políticos, não mais como uma política institucional, mas como também a esfera do cotidiano como sendo um local também politizado. Pois, se antes os historiadores só se atentavam para o estudo dos “grandes feitos”, com o advento da Nova História o cotidiano passou a ser objeto de estudo e muitos personagens passaram a ter participação nos aspectos da vida pública. Sendo assim, mulheres, loucos e tantos outros seguimentos sociais passaram a ter suas histórias enfim contadas.

Neste sentido buscaremos compreender a dinâmica social das mulheres no cotidiano do seu trabalho, nas casas de prostituição na Rua das Laranjeiras, em Jacobina-Ba, nas décadas de 1970 e 1980. Avaliaremos a circulação dessas mulheres na cidade, visto que sua presença em alguns locais era tida como uma afronta à moral e aos bons costumes da sociedade. No estudo dos espaços por onde elas transitavam buscaremos saber qual o grau de interação nestes locais.

Assim, o estudo da prostituição na Rua das Laranjeiras se faz pertinente, pois são muitas as lacunas que permeiam esta temática repleta de estigmas, na qual a prostituição jacobinense está inserida. A proposta deste trabalho é lançar um novo olhar sobre este tema que se insere na construção histórica e cultural de um grupo de prostitutas.

---

<sup>10</sup> DEL PRIORE, Mary. *História do Cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 84.

Em meados do século XX, esse assunto vem sendo objeto de pesquisa em diferentes esferas da sociedade brasileira e mundial, porém, para muitos o referido tema permanece permeado por uma gama de mistérios e preconceitos que foram sendo enraizados com o passar dos anos.

Nesse contexto, buscamos compreender o cotidiano dessas mulheres, como elas se relacionavam com os diferentes espaços da sociedade, com seus clientes e os proprietários dos estabelecimentos nos quais atuavam. Traçamos um perfil dessas mulheres que se envolviam por diferentes questões no mundo da prostituição, conhecendo seus anseios e frustrações relacionados a essa profissão, tendo por base a trajetória de vida de Maria Buxinho, prostituta que atuou nessa rua entre os idos das décadas de 1970 e 1980.

Para além disso, está intrínseco a essa temática o fato de que estas mulheres estavam expostas a várias situações, inclusive a violência física cometida pelos clientes, companheiros ou entre as próprias meretrizes. Segundo Nélia de Santana em seu trabalho “*A prostituição feminina em Salvador (1900- 1940)*”,

A violência era quase sempre componente das cenas. Meretrizes e homens que desconfiavam de infidelidade expressavam seus sentimentos fazendo uso de garrafas, facas, navalhas, revólver.<sup>11</sup>

Neste sentido, percebe-se a vulnerabilidade das relações estabelecidas entre estas mulheres no âmbito do trabalho e das relações cotidianas. No universo em análise, percebe-se que o descontrole é atrelado em sua maioria a formas de violência e o uso desta se legitima como forma de coerção ou defesa, por isso as prostitutas estavam expostas a situações de violência e uma estratégia adotada por elas para controlar a questão era “fazer escândalo”, reafirmando a condição de prostituta, pois não se enquadravam nos padrões definidos pela sociedade.

O presente estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa, que visa conhecer o cotidiano das prostitutas nos cabarés da cidade de Jacobina, em específico da Rua das Laranjeiras, na busca por compreender como se devam as relações dessas mulheres com seus clientes e a sociedade de modo geral. Devido à escassez de fontes, utilizamos entrevistas coletadas com ex-prostitutas, donos de casas de prostituição, vizinhos da época, fundamentadas com os

---

<sup>11</sup> SANTANA, de Nélia. *A prostituição feminina em Salvador (1900- 1930)*. Salvador, 1996. p. 13.

requisitos da fonte oral, mapas da cidade com a localização da Rua das Laranjeiras e adjacências, compondo espaço-cenário das relações em análise, fotos das casas onde funcionavam as boates. Além de processo-crime envolvendo dona de boate contendo informações acerca do cotidiano e bibliografias específicas sobre o tema.

No que se refere à história oral aqui adotada, é necessário atentar para a questão da subjetividade em que a fonte oral está inserida, visto que os depoentes podem elencar o que de fato lhes interessa ser transmitido. Neste ponto, cabe ao historiador ser perspicaz quanto às possíveis lacunas, a fim de empreender as devidas críticas à fonte oral.

A mesma faz parte do novo viés de se estudar e fazer História, sendo de suma importância, pois abre um leque de possibilidades para o estudo de temas que antes eram deixados à margem dos estudos desenvolvidos pela história positivista, que privilegiava os documentos ditos oficiais. É com o advento da nova historiografia difundida pela escola dos Annales, que a História Oral pode ser difundida e servir para subsidiar temas pouco pesquisados. Segundo François Etienne:

[...] A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetivos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciados e aos excluídos de história (mulheres, proletariados, marginais, etc.), a história do cotidiano e da vida privada [...] em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo”.<sup>12</sup>

Além do que, a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fonte para o estudo da história contemporânea. Esta, por sua vez, é constituída através da realização de entrevistas gravadas com pessoas que participaram ou testemunharam fatos do passado e do presente. No entanto, esta prática de ouvir relatos individuais ou de determinados grupos na busca por uma melhor compreensão dos acontecimentos é uma estratégia utilizada há muito tempo. Historiadores da antiguidade já o faziam no intuito de saber sobre acontecimentos de sua época.

No entanto, considera-se o início da História Oral “moderna” após a criação do gravador a fita em meados de 1948. E neste mesmo ano se constituiu o Columbia University Oral History Research Office, um programa da Universidade de

---

<sup>12</sup> FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Morais (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 04.



Columbia formado por Allan Nevins e Louis Starr em Nova York, com a função principal de coletar informações para serem utilizadas por gerações futuras com base em entrevistas com personalidades norte-americanas da época. Porém, o programa considerava a transcrição e não a gravação como documento original, como é considerado nos programas de História.

Mais adiante, na década de 1960, com o advento de novas tecnologias e o aprimoramento do gravador, surge um novo olhar para o estudo da História Oral, pois o estudo das entrevistas de história de vida de membros de grupos sociais que não deixavam registro de suas vivências cotidianas passaram a ser coletados e esse período ficou conhecido como o da História Oral “Militante” que ia na contra-mão dos estudos realizados pelo Columbia History Office que pesquisava o estudo das elites.

Essas transformações sofridas pela História Oral ao longo desta década deixaram marcas para sua metodologia, que passou a ser vista por historiadores e cientistas sociais.

Sem sombra de dúvida, o registro das experiências dos grupos sociais menos favorecidos e que dificilmente seriam pesquisados, demonstra um avanço para o estudo das Ciências Humanas. No entanto, este reconhecimento se deve ao fato das transformações ocorridas nessas Ciências que abandonaram o pensamento em torno de uma única história ou identidade nacional e perceberam as múltiplas histórias, memórias e identidades em uma mesma sociedade.

Mas o caminho percorrido por este novo método, sua aceitação e incorporação nas práticas acadêmicas se deu de forma gradual, pois isso se deve à maneira como eram ministrados os estudos que se fundamentavam na História Oral.

Com isso várias práticas da chamada História Oral “Militante” produziram algumas dúvidas que ao adotar a História Oral como metodologia de trabalho deve-se estar atento para não cometê-los, pois um dos equívocos consiste em considerar que a entrevista publicada por si só já é “História”, e não realizar a devida crítica que se necessita ser feita a todas as fontes.

O século XIX foi marcado pela perspectiva positivista. A história priorizava o escrito em detrimento do oral, o passado remoto aos tempos contemporâneos, nos quais o historiador não seria suficientemente imparcial. Nesse período o estudo sobre os processos de longa duração e a preferência pelos feitos seriais (qualitativos) priorizados pela Escola dos Annales dificultavam o papel do indivíduo

na História, pois entendiam que estes relatos pessoais, as histórias de vidas e as biografias, não acrescentavam ao conhecimento do passado, uma vez que estavam repletos de subjetividade.

No entanto, a partir da década de 1980, as convicções sobre o que seria História passam por transformações e os temas contemporâneos passaram a fazer parte desse arcabouço. Com isso estabeleceu-se um novo campo que valoriza a análise qualitativa e o relato pessoal. As experiências coletivas passaram a transmitir um novo olhar em para essas configurações históricas.

As fontes escritas também podem ser consideradas subjetivas, haja vista que possibilita ao historiador o interesse do estudo da vida cotidiana, familiar, do trabalho e de outras formas de sociabilidade. Essa amplitude permitiu ainda que outros registros pudessem ser incorporados além das entrevistas de História oral, fotografia, desenho, periódicos, dentre outros tornaram-se fontes para o estudo da História e passaram a compartilhar da responsabilidade dos acontecimentos históricos juntamente com os documentos escritos.

A consolidação da História Oral no Brasil e no mundo é um fato inegável, pois os debates sobre o tema nas academias referentes às décadas de 1980 e 1990, que buscaram sintetizar e refletir sobre as bases e implicações metodológicas da História Oral, ajudaram a consolidar o trabalho com as entrevistas, e esses trabalhos já não são vistos com tantas ressalvas como a priori, pois é possível perceber um interesse maior das academias por esta metodologia quando elas os insere nos seus currículos e admitem trabalhos que discutem e analisam as “fontes orais”, outra nomenclatura atribuída às entrevistas de História Oral.

Com as grandes transformações ao longo dos anos, as fontes escritas foram sofrendo questionamentos que não passavam em épocas anteriores. As novas discursões historiográficas apontam para o fato de que não se tem como recuperar a totalidade do passado. Estas modificações no campo da História e na história do século XX em especial, permitiram uma nova discussão sobre o papel das fontes históricas, possibilitando que a História Oral adquirisse mais espaço nos debates históricos atuais.

Entretanto, busquei compor o corpus documental desta pesquisa com os processos-crimes localizados no Arquivo Municipal de Jacobina referentes às décadas de 1970 a 1980, contendo informações das eventuais brigas ocorridas na

região onde ficavam localizadas as casas de prostituição e quais foram as motivações, se estavam relacionadas com clientes ou com as mulheres que frequentavam aquele entorno, no intuito de ampliar o cabedal de informações concernentes a esta temática.

Sendo assim, pretendi coletar e produzir informações necessárias para um melhor entendimento do contexto diário em que estavam inseridas as prostitutas jacobinenses no transcorrer de duas décadas, sendo este período pesquisado de significativas transformações econômicas e sociais para a cidade. Contei também com as informações de autores que trabalham com esta temática, fazendo relações junto ao contexto da cidade de Jacobina no intuito de enriquecer o trabalho.

A fundamentação teórica deste trabalho é pautada também nos estudos desenvolvidos acerca dos conceitos de memória, gênero e cotidiano que se fazem necessários para compreender a temática relacionada às meretrizes em Jacobina nas décadas de 1970 e 1980 do século XX.

Joan Scott que sistematizou o conceito de gênero como uma categoria, explica que o termo foi usado para traduzir a questão da diferença sexual.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas preposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre o sexo, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.<sup>13</sup>

Segundo a autora, o gênero é o elo de compreensão e decodificação para as diversas e complexas formas da interação humana, pois o gênero é um dos elementos articuladores das relações sociais e possibilita um melhor entendimento sobre como os sujeitos se constituem no seu cotidiano repleto de símbolos culturais, normas e instituições que denotam a homens e mulheres espaços diferentes, onde estas relações estão repletas de poder por parte dos homens que ocupam esta posição historicamente.

Sendo assim, a definição de gênero e sexo permite uma compreensão de que homens e mulheres são categorias socialmente construídas e que as diferenças

---

<sup>13</sup> SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16 (2): 5 -22, jul./dez.1990. p, 14.

entre ambos são historicamente marcadas por uma situação de subordinação da mulher, o que se percebe, portanto, que as identidades sexuais não são essencialmente biológicas e sim construções sociais, histórica e culturalmente específicas, passíveis de transformações.

Sobre o conceito de gênero, Cecilia M. B. Sardenberg explica como sendo algo distinto de sexo. De um lado, observa-se o sexo como um fenômeno natural, que atinge todos os organismos do planeta por meio da reprodução humana. Do outro, o fenômeno cultural de gênero, representado de diferentes maneiras entre as sociedades que define e determina o masculino e o feminino.

Observe-se, porém, que o conceito de gênero não substitui a categoria social “mulher”, tampouco torna irrelevantes pesquisas e reflexões sobre mulheres enquanto um grupo social discriminado. Muito ao contrário: permite que se pense tal categoria como uma construção social, historicamente específica, e como tal construção legitima a situação ‘real’ de discriminação, exploração, e subordinação das mulheres. Ao mesmo tempo, a categoria social/relacional ‘gênero’, não nega a diversidade da condição social e experiências femininas em sociedade distintas no tempo e espaço e, ressalte-se inclusive no seu interior. Como categoria analítica, gênero possibilitou pensarmos como os recortes de classe, raça/etnia e idade/geração permeiam as vivências de ‘gênero’, de sorte a construir experiências femininas e masculinas bastante distintas.<sup>14</sup>

O conceito de memória se faz pertinente pelo fato de que os estudos relacionados à memória ressaltam a complexidade da construção da mesma, pois se referem à capacidade mental de armazenamento de informações, experiências, ou de conhecimentos adquiridos com o decorrer do tempo e de tornar possíveis essas informações quando necessárias, pois o que move o presente e o que se viveu e ouviu no passado. Neste sentido, Maurice Halbwachs salienta que:

A aventura pessoal da memória, a sucessão dos eventos individuais, da qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos com os quais estamos misturados e relações que se estabelecem entre esses grupos.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> SARDENBERG, (1992) apud SARDENBERG, CECILIAM. B., MACEDO, MARCIA.S. *Relações de gênero: uma breve introdução ao tema*. In: COSTA, ANALICE.C., RODRIGUE, ALEXNALDO T., VANIN, IOLI M. (ORGS.) **Ensino e gênero: perspectivas transversais**. Salvador: UFBA-NI, 2008. p. 35.

<sup>15</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

Ou seja, a memória do indivíduo depende das relações que ele desenvolve com o meio social em que vive, pois ela atua como um instrumento de socialização interferindo nas ações do presente e possibilitando o contato com o passado.

O historiador Jacques Le Goff discute o conceito de memória como sendo individual e coletiva, e que com o auxílio de psicólogos e psicanalistas passou-se a estudar a memória de maneira mais teórica e não somente empírica. Com isso foi possível perceber que os sentimentos humanos poderiam interferir na memória individual de forma consciente ou não. E em relação à memória coletiva, analisa que os grupos com o objetivo de exercer o poder poderiam manipular determinados fatos históricos. Reafirmando o que foi exposto:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, que a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exerce sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais de poder. Tornaram-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.<sup>16</sup>

Sendo assim, a memória tem a capacidade de conservar certas informações, levando em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, possibilitando o homem atualizar impressões ou informações passadas, ou que são representadas como passado.

Michel Pollak contribui para as discussões teóricas sobre memória, pois para ele a memória se constitui dos acontecimentos vividos de forma individual ou os que são vividos em grupos no qual a pessoa se sente pertencente. Ela também se constitui pela seleção, esquecimentos, que podem ser voluntários ou involuntários, as falas e os silêncios, pois nem tudo que se é lembrado é falado. Neste sentido, ela se enquadra no campo político e agrega seus valores pelo fato de estar ligada também à coletividade.

---

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990, p. 368.

Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos.<sup>17</sup>

Com isso percebe-se que a memória é repleta de lugares, contendo experiências individuais e coletivas, que contêm ditos e não-ditos presentes em seus discursos. Neste sentido, o diálogo com estes autores enriquece ainda mais este trabalho devido às discussões teóricas apresentadas por eles acerca da compreensão dos conceitos expostos nesta pesquisa.

Esta monografia está estruturada em dois capítulos, nos quais buscaremos compreender a dinâmica que envolve a prostituição da cidade de Jacobina em específico a da Rua das Laranjeiras.

O primeiro capítulo tem como objetivo apresentar o cenário do meretrício da cidade de Jacobina, fazendo um recuo no tempo para melhor entendimento da cidade, apresentando seu potencial econômico, suas características geográficas, a estrutura física da Rua das Laranjeiras e as casas onde funcionavam as boates, mostrando o fervilhar nos tempos áureos das décadas de 1970 e 1980, onde a movimentação de clientes e prostitutas era intensa durante o período estudado.

No segundo capítulo serão analisadas as questões acerca do cotidiano e as relações na dinâmica do meretrício dessas mulheres que existiam na Rua das Laranjeiras, o provir de seu sustento e em alguns casos, de sua prole, quais os mecanismos usados para a aquisição dessa renda e as maneiras de gerenciamento da mesma, práticas sexuais desenvolvidas por elas, a conquista dos clientes, o cuidado com o corpo, a relação com as doenças venéreas que as acometiam, a presença destas mulheres nos espaços públicos da cidade, como eram o seu transitar pelas ruas da cidade e não só no espaço do meretrício, relataremos também sobre suas relações cotidianas.

E por fim, as considerações finais onde apresentamos um breve apanhado das principais questões pontuadas e sinalizaremos as possíveis contribuições dessa pesquisa monográfica.

---

<sup>17</sup> POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. vol.2, n 3, 1989, p. 9.

## 1 CAPÍTULO I

### 1.1 Desenhando o cenário do meretrício

Localizada a 330 km de Salvador (capital da Bahia), o município de Jacobina é rodeado de serras que compõem o complexo de montanhas do Piemonte Norte da Chapada Diamantina. O povoamento da cidade, segundo a literatura produzida na Bahia, data da primeira metade do século XVII, mas foi a produção aurífera iniciada na segunda metade do século e intensificada no século seguinte que favoreceu o crescimento da região. Neste sentido, é que se pode identificar os discursos que deram a Jacobina a cidade associada à exploração do ouro. Neste primeiro capítulo apresentarei a cidade de Jacobina no contexto das décadas de 1970 e 1980, com destaque para a região central da cidade onde fica situada a Rua das Laranjeiras.

Na imagem 1 está a localização da cidade e os municípios vizinhos. Na impossibilidade de usar um mapa histórico, foi adotado um mapa referente ao ano de 2010 para auxiliar na apresentação espacial da cidade de Jacobina no Estado da Bahia. Nele é possível identificar a sede municipal, bem como o espaço geográfico e os limites municipais com as cidades que interligam as várias regiões do Estado.

Para tanto, faz-se necessário um recuo no tempo para uma melhor compreensão da prostituição na cidade de Jacobina.

Segundo Vanicléia Santos, durante a Colônia, Jacobina foi um dos maiores municípios da província da Bahia, tornando-se a matriz de povoamento no interior baiano com a descoberta do ouro em suas terras. A mineração gerou um processo de migração para a região e para lá convergiram missionários franciscanos e jesuítas, empregados da coroa, bandeirantes, escravos, índios escravizados, povoadores portugueses e brasileiros, pobres garimpeiros criadores de gado e camponeses. Esta pluralidade de gentes sedimentou alguns conflitos socioculturais, principalmente no campo religioso, levando ao surgimento de três igrejas.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> SANTOS, Vanicléia Silva. *Sons, danças e ritmos: A micareta em Jacobina - Ba (1920-1950)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2001. P 33.

A vila passou imediatamente a concorrer no seu papel de liderança regional com Salvador e Cachoeira, que eram os principais centros urbanos comerciais da época.<sup>19</sup>

Dentre esses e tantos outros discursos relacionados ao surgimento da cidade de Jacobina, percebe-se que sua trajetória oscila entre a exploração do ouro e criação de gado em determinados períodos.

As narrativas sobre a exploração do ouro na cidade de Jacobina demonstram que tal atividade tornou-se algo natural entre os habitantes desta região desde o final do século XVI, já que há vários séculos sua extração era tida como uma das principais fontes de renda. Este fator é evidenciado nas produções históricas relacionadas ao surgimento da cidade. Sendo assim, esta teria seu desenvolvimento atrelado prioritariamente às atividades de mineração, reduzindo assim sua história, pois como já exposto anteriormente, outras atividades eram desenvolvidas e davam outra dinâmica às relações sociais e comerciais da cidade, que são fundamentais para a compreensão desse estudo.

Permanecendo em evidência também nas décadas de 1970 e 1980, pois em 1970 Jacobina vivenciou mais uma possibilidade de desenvolvimento e produção de riquezas, que outrora havia sido produzida nas décadas anteriores. Com a expectativa de reabertura da mineração, fez surgir uma nova perspectiva entre os moradores da cidade. Como noticiava o jornal A Palavra:

#### SERÁ REINICIADA A EXPLORAÇÃO DE OURO EM JACOBINA

A mineração de ouro por processo mecânico será iniciada nesse município dentro em breve. Um poderoso grupo econômico brasileiro-angloamericano, integrado pela Indústria e Comércio de minérios S.A (ICOMI), do território do Amapá e pela Anglo Corporation, sediada em Londres, já iniciou os trabalhos preliminares com esse propósito.

No momento, os técnicos das aludidas empresas estão realizando os serviços de pesquisa ao longo das serras de Jacobina [...] Concluídas as pesquisas e avaliação do potencial mineralógico, será então, instalado um moderno equipamento para extração de ouro o que demandará, entretanto, alguns meses.

Para avaliar-se a importância desse empreendimento, basta saber-se que uma das associadas do grupo empresarial que vai explorar o minério nesse município é a Anglo-América Corporation, uma das maiores produtoras mundiais de ouro, que possui minas desse metal em vários países, inclusive na África do Sul.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> COSTA, Afonso apud SANTOS, 2001. p. 34.

<sup>20</sup> A Palavra. Nº3. 09 junho de 1973, p.1. In: FARIAS, Sara Oliveira. *Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. p. 45.



E em meio a esta efervescência encontravam-se as meretrizes, que viam na chegada da mineração mais um meio de aumentar sua renda, tendo em vista o aumento da população masculina, possíveis frequentadores dos estabelecimentos nos quais elas trabalhavam.

Na década de 1970, Jacobina contava com uma população de 19.211 habitantes<sup>21</sup> e sua taxa de urbanização era de 33,30%, sendo esta uma área de características agrárias que tinha suas bases econômicas pautadas na agricultura e na pecuária. Por isso, a chegada de novos moradores oriundos da capital e de outros estados da federação para a extração aurífera fomentaram os interesses de diversas esferas da sociedade, influenciando no cotidiano da cidade de um modo geral.

A partir das narrativas sobre a cidade de Jacobina, pode-se pensar que a formação da cidade muito se deu em função da influência da extração de minérios, em especial o ouro, nas margens dos rios e nas serras e o desenvolvimento de atividades agrícolas para o abastecimento da população.

Jacobina possui uma paisagem montanhosa e a urbanização das serras propicia imagens que não podem ser capturadas de uma só vez pelos visitantes e nem pelos seus moradores habituados como o movimento das serras e vales. Essas paisagens ganharam ao longo dos anos novos contornos e se misturam, entrelaçando o presente e o passado. Casarios seculares com as novas construções que escalam as serras, ocupando o alto dos morros, como se quisessem distanciar-se do vale por onde corre timidamente o Rio Itapicuru-Mirim nos anos de seca e exuberante em tempos de cheias. Já o Rio do Ouro é ladeado de casas com padrões altos, interligadas por pequenas pontes que possibilitam o transitar sobre o estreito rio que surge entre as serras altas da cidade na qual o passado trazia junto com a areia o ouro e que com o passar do tempo tornou-se raro. Neste sentido, observa-se que a mineração na região apresenta-se de maneira cíclica, surgindo e

---

<sup>21</sup> Esses dados são citados como fonte do IBGE para o ano de 1970 conforme apresenta FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. **Poder, crise e novas estratégias de desenvolvimento: o caso de Jacobina.** Dissertação de mestrado de arquitetura. Salvador, UFBA, 1995, p.134,137 e 141 *apud* FARIAS, Sara Oliveira. *Enredos e tramas nas minas de Jacobina-Recife*: Ed. Universitária da UFPE, 2008. P 50.

ressurgindo com o passar dos anos, proporcionado em seu ciclo períodos de prosperidades, pobreza e desolação.

[...] como se aquelas casas estivessem fugindo do vale, pelo qual escorre sem pressa e excessivamente tímido, o Rio Itapicuru-Mirim. O Rio do Ouro é ladeado de casas de bom padrão, alcançadas por pequenas pontes, passarelas que saltam sobre o pequeno e estreito rio que vem das serras altas, trazendo em suas areias o ouro, generoso no passado, raro no presente [...].<sup>22</sup>

Jacobina afirmou-se, ao longo do tempo, como um centro comercial. A sua localização estratégica, a necessidade de abastecimento alimentar e o comércio de minérios, reforçavam esta vocação.

Sua sede tornou-se o núcleo das relações comerciais. No princípio, os caminhos das boiadas que interligavam por estradas estreitas os variados locais de mineração, em seguida instala-se a ferrovia que interliga os grandes centros e por fim, as rodovias que juntas configuraram uma rede viária ligando Jacobina aos centros comerciais regionais e do estado.

[...] Essas conexões deram a Jacobina a posição de centro regional, ou em outros termos, de cidade da região, da qual todas as demais dependiam em termos de serviços urbanos, assim como a dispersa população das áreas rurais. Com tal função, Jacobina desenvolveu uma economia urbana.<sup>23</sup>

A primeira metade do século XX corresponde à consolidação da ocupação urbana já existente e um gradual desenvolvimento no transcorrer do vale do Rio Itapicuru-Mirim. Neste período nota-se alguns investimentos na infraestrutura da cidade com a implementação da energia elétrica, construção de pontes para integrar os bairros da cidade.

Na segunda metade do século XX correspondente à década de 1960 há uma ruptura. Os estudos acerca da reabertura das minas em Jacobina foram retomados a partir das décadas de 1970 - 1980 período a que se refere a pesquisa, onde a cidade via a possibilidade de um novo ciclo de desenvolvimento, reeditando

---

<sup>22</sup> Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Jacobina: Relatório Final. Referencial Básico/Partido Urbano. Novembro 1999. p. 11.

<sup>23</sup> Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Jacobina: Relatório Final. Referencial Básico/Partido Urbano. Novembro 1999. p. 12

os discursos sobre riqueza e progresso que tiveram destaque nas décadas anteriores.<sup>24</sup>

Jacobina no período pesquisado tinha suas praças como sendo um dos principais locais de lazer. Nelas ocorriam os festejos religiosos e profanos da cidade, a exemplo da Praça da Missão onde acontecia a tradicional Festa da Missão entre os meses de dezembro e janeiro.

A poucos metros da Praça da Missão estava localizada a Rua das Laranjeiras. Rua caracterizada por concentrar as casas de prostituição da cidade de Jacobina.

## 1.2 Dentro do cenário

Toda cidade, por menor que seja, possui casas de prostituição de diferentes tipos e formas, carregadas de representações pelos trabalhos que oferecem. E muitos são os adjetivos populares que denominam estas casas e, conseqüentemente, quem nelas reside.

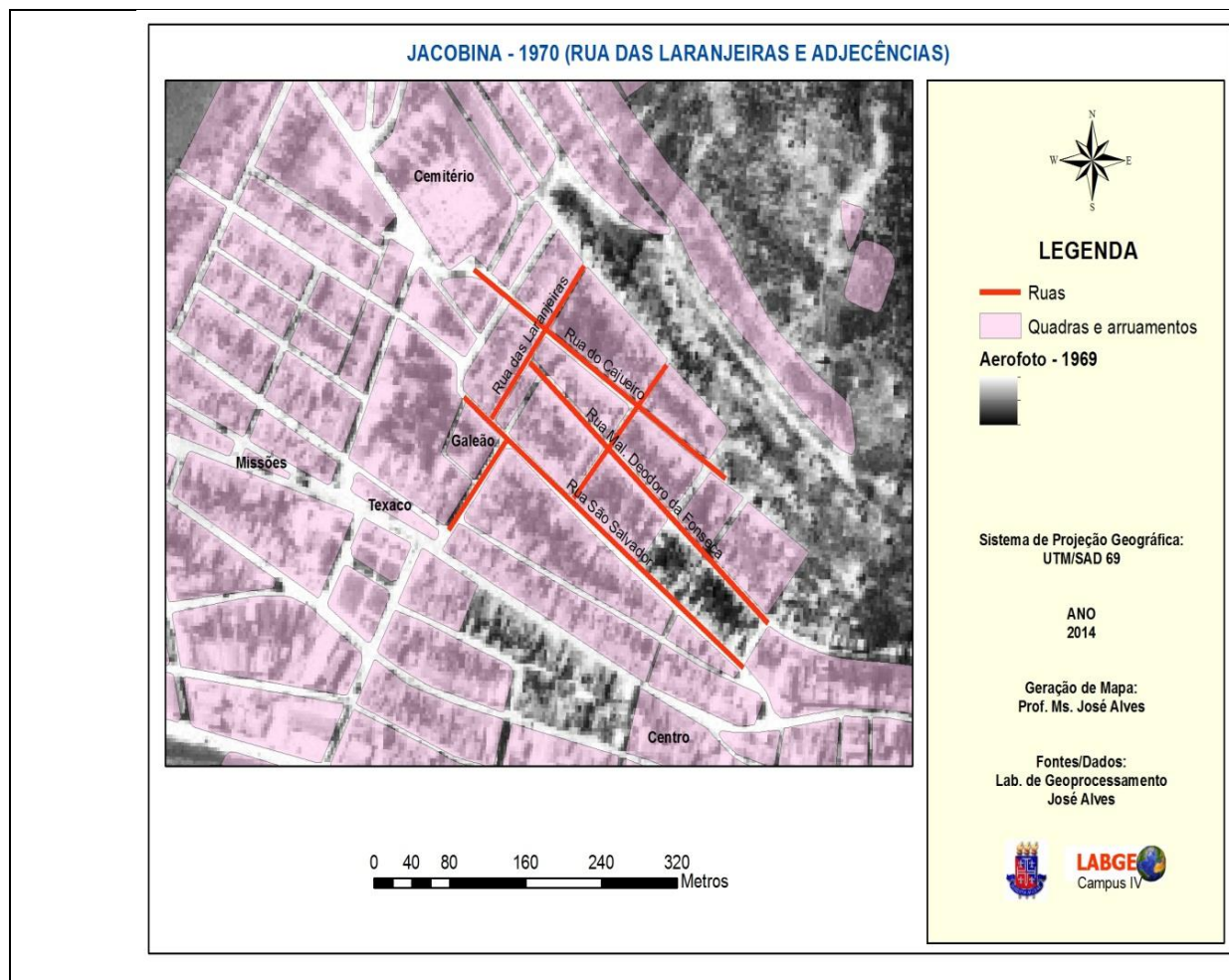
Estas nomenclaturas variam de puteiro, casa da luz vermelha, meretrício, casa noturna, bordel, brega, boate e tantos outros, dependendo de cada região. São tantas as nomeações atribuídas às casas de prostituição e em Jacobina não seria diferente para se identificar estes locais.

Na cidade, estes estabelecimentos estavam situados na Rua das Laranjeiras, identificada na Imagem 1. Neste espaço se concentrava um grande número de casas de prostituição e suas ruas adjacentes. A aerofoto a seguir data do ano de 1969, um ano antes do período estudado, entretanto não se percebe mudanças no espaço geográfico de um ano para o outro. Sendo assim, a sua utilização se faz pertinente no sentido que ela permite uma compreensão maior acerca do espaço em análise nessa pesquisa. Na imagem é possível visualizar a Rua das Laranjeiras, que possui a função de interligar as demais ruas no sentido de possibilitar a locomoção entre os diferentes espaços do bairro, para a área central da cidade.

---

<sup>24</sup> FARIAS, 2008, *op. cit.*, p 42 – 43.

IMAGEM 1 - Aerofoto com a localização da Rua das Laranjeiras e adjacências.



FONTE: Alves, 2014.

O bairro da Caixa D'Água é um complexo de ruas íngremes e estreitas onde está localizada a Rua das Laranjeiras, composta por casas residenciais e comerciais no período estudado e ela era habitada por moradores de classe media-baixa, com pouca escolaridade. Para uma melhor compreensão acerca da rua, foram inseridas imagens de algumas dessas casas que ainda permanecem com as mesmas características da época. Ver imagem 2.

Esta rua, no período estudado, tinha suas construções de adobe. Algumas com altura relativamente baixa na fachadas, com uma porta de madeira ou outros materiais como podem ser visualizadas na imagem a seguir. Em outros casos contavam com duas portas de madeira e, em outras ainda, havia uma porta e uma ou duas janelas contendo apenas um pavimento, como pode ser observado nas imagens seguintes.

Em seu interior, a casa possuía um salão onde posicionavam-se as mesas, e era dividida por um balcão com prateleiras na parede, servindo de expositor para

bebidas. Em anexo, funcionava a cozinha onde eram preparados os “petiscos” e as refeições, sendo este um local restrito ao dono da boate. A casa ainda tinha um banheiro social e mais ao fundo, os quartos, que eram alugados para a realização dos programas ou serviam de moradia para as prostitutas que residiam nas boates. Em média, essas casas tinham de um a três quartos que contavam com uma cama de cimento ou madeira forrada com um lençol e uma toalha que era compartilhada por todos os usuários, um urinol (penico), uma bacia e um balde com água para a higiene pessoal após o ato sexual.

IMAGEM 2 - Ruínas da residência de Joelita de Caboclo na Rua das Laranjeiras.



FONTE: Arquivo pessoal, Deisileisle Pereira, 2014.

Conforme relatos, os quartos das prostitutas que moravam nas boates ganhavam aspectos mais aconchegantes, com um toque feminino na decoração do cômodo.

Algumas das casas de prostituição da Rua das Laranjeiras tinham estruturas residenciais e sofriam alterações para atender as demandas que o comércio da prostituição requeria. As boates ganhavam e perdiam cômodos no intuito de ampliar

os negócios. Muitas delas perdiam uma parede para ampliar o salão ou construía-se mais um quarto no fundo do quintal.

IMAGEM 3 - Antiga casa de prostituição de Zé Pretinho na Rua das Laranjeiras.



FONTE: Arquivo pessoal, Deisileisle Pereira, 2014.

A Rua das Laranjeiras era constituída em sua maioria por estabelecimentos comerciais. Entretanto, haviam casas residenciais, onde moravam famílias de baixo poder aquisitivo e tinham como obtenção de renda a lavagem de roupas de ganho, o trabalho doméstico, a venda de doces, o ofício de magarefe e em alguns casos, a função de babás dos filhos das prostitutas que ali atuavam. Ver imagem 4.

Nesta Rua havia também os locais ditos de “baixo nível”. Nestes, os frequentadores tinham um poder aquisitivo muito abaixo do da clientela frequentadora das outras boates e as prostitutas também estavam fora dos padrões aceitáveis. Sendo assim, uma prostituta de “classe” não frequentaria este ambiente, pois colocaria em risco sua reputação, já que os clientes bem abastados ali não frequentavam. Um exemplo era a boate de Joel Guarda e a Trem de Lenha de Joaquim Pulia, que funcionavam de forma precária e tinham uma clientela de baixo

poder aquisitivo. Por isso, ao falar de prostituição não se deve homogeneizar, pois a mesma é heterogênea tanto nos locais, quanto nas mulheres que neles atuam.

IMAGEM 4 - Antiga residência de Zé Capuchinho na Rua das Laranjeiras



FONTE: Arquivo Pessoal Deisileisle Pereira, 2014.

[...] eram mulheres de baixo nível, por que tem a de mais alto nível e as de mais baixo nível, entendeu, essa eu já não frequentava, por que quem fosse pra lá já era menos procurada né, mas meu acesso era com pessoas grandes né, pessoas que tinha nível, doutores, que eu não vou citar nomes, engenheiros né, que eu saia de lá, não queria dormir lá eu dormia no Hotel Serra do Ouro.<sup>25</sup>

Para além da movimentação e dos sons provenientes das casas de prostituição, a Rua das Laranjeiras, no mês de setembro, ganhava novos sons, com as batucadas dos tambores do terreiro de Santo de Mãe Lurde<sup>26</sup> que atraíam pessoas dos bairros vizinhos e de outras localidades a fim de celebrarem os festejos relacionados aos santos. Estas comemorações refletiam direta e indiretamente no

<sup>25</sup> Entrevista, Maria Buxinho. Janeiro de 2014.

<sup>26</sup> Lurdes Labatu, Mãe de Santo que residiu na Rua das Laranjeiras até seu falecimento no ano de 2002.

comércio das casas de prostituição da referida rua, bem como na vida dos moradores que tinham sua rotina alterada por conta da movimentação que se tornava intensa.

Na Rua das Laranjeiras, o fluxo de frequentadores sofria um considerável aumento também nas noites de sextas e sábados e nos período de folga dos funcionários da mineradora e de outros setores.

As noites nas boates eram regadas de muitas comidas, bebidas e danças, um fervilhar de homens e mulheres entrando e saindo das boates que constituíam a Rua das laranjeiras.

Jacques Rossiaud, em sua obra “*A prostituição na Idade Média*”, salienta para o fato de que a cozinha era, para o proprietário, tão lucrativa quanto o quarto “[...] podem circular pelas tabernas e outros lugares públicos, mas devem conduzir seus clientes à *bonne maison*, onde se festeja antes de ir para os quartos[...]”.<sup>27</sup> Neste sentido, se percebe como o aumento da clientela era vista com bons olhos pelos proprietários e pelas meretrizes, pois estes acréscimos lhes proporcionavam um aumento de ganhos significativos na renda mensal.

As casas noturnas da Rua das Laranjeiras, assim como muitas outras, tinham suas normas de condutas estabelecidas pelos proprietários e também pelas prostitutas. Nesses espaços as mulheres eram “orientadas” a ingerir bebidas alcóolicas no intuito de gerar lucros para o dono de estabelecimento. Segundo Maria Buxinho, em algumas boates havia a estratégia de trocar a bebida da prostituta por água.

Para o proprietário da boate era preferível que a prostituta mantivesse o cliente por muito mais tempo no estabelecimento do que o levasse diretamente para o quarto. Sendo assim, algumas estratégias eram traçadas para garantir a permanência do cliente. Uma delas era a troca de bebidas da prostituta por água com groselha, o que dava a ela a possibilidade de permanecer sóbria e manter o cliente na boate por mais tempo que o previsto e em alguns casos, o programa nem chegava a ser realizado por “incapacidade” do cliente que já se encontrava embriagado. Esta era uma prática comum entre os donos de boates e as prostitutas.

---

<sup>27</sup> ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 21.



Em alguns casos havia um acordo entre as partes, em outros não, como se pode perceber na fala de Maria Buxinho sobre a tática usada e o seu descontentamento.

[...] outra coisa que elas usavam muito, elas usavam colocar, vamos supor, um kisuke dentro de uma água e fazia “Campari”, as mulheres, aquelas que não coisava, bebia água e o cara pagava campari. Só que eu não aceitava, eu dizia não, eu vou beber o que eu quero, agora eu quero a bebida, se o cliente pedi a bebida e você não trouxe eu vou dizer que a bebida é água, eu não vou deixar o cliente pagar água [...] <sup>28</sup>.

Segundo relatos de Darci,<sup>29</sup> havia também na Rua das Laranjeiras casas estruturadas para a realização das refeições das prostitutas e dos clientes que ali frequentavam. Nestas casas eram servidos diversos tipos de comida que eram pra “dar vigor” e “aguentar” o transcorrer da noite. Ela salienta para o fato de que a casa de Maria Obelina era um desses estabelecimentos

No caso das prostitutas, o acerto era feito por semana, o que garantia a elas a possibilidade de arrecadar o valor da dívida durante os dias de maior movimento. Já para os clientes, o pagamento era feito após a realização das refeições.

Neste sentido, percebe-se o quanto era importante a presença da “cozinha” no espaço das boates, pois ela servia também como mais um atrativo para a conquista de clientes em potencial. Além das prostitutas, a presença da comida era mais uma ferramenta indispensável para a aquisição do lucro.

Durante os finais de semana, a Rua das Laranjeiras se tornava um espaço de muita agitação e o transitar intenso se configurava como o momento de arrecadar os rendimentos que garantiriam o pagamento das despesas para as mulheres que não moravam nas boates. Elas tinham a difícil tarefa de conquistar sua sobrevivência diariamente, pois tinham que pagar suas despesas e uma das alternativas encontradas por muitas dessas mulheres era dividir com outras companheiras esses gastos para facilitar o dia-a-dia.

Estas estratégias eram usadas por muitas prostitutas para se manterem na vida, por esta ser uma atividade cheia de incertezas, podendo haver ou não clientes dispostos a pagar por um programa, havendo ainda os que não cumpriam com o acordo e saíam sem realizar o pagamento do mesmo, gerando um prejuízo para prostituta que contava com o dinheiro para o pagamento de suas despesas. Por

---

<sup>28</sup> Entrevista, Maria Buxinho, Janeiro 2014.

<sup>29</sup> Entrevista, Darci Sousa Rêgo, Fevereiro de 2014.

isso, o apoio mútuo entre algumas prostitutas facilitava sua permanência no meretrício. Como salienta Maria Buxinho, “... ai eu fui e aluguei uma casa, eu e uma colega, ai nos já cozinhávamos lá, entendeu...”.<sup>30</sup> Utilizando-se dessas parcerias mútuas entre elas proporcionavam melhores condições de vida dentro do meretrício.

---

<sup>30</sup> Entrevista, Maria Buxinho, Janeiro de 2014.

## 2 CAPÍTULO II

### 2.1 Marias e Marias: o cotidiano de mulheres que trabalhavam como prostitutas na Rua das Laranjeiras

Este trabalho foi realizado tendo como base a trajetória de vida da ex-prostituta Maria Domingas Santos, mais conhecida como Maria Buxinho, que atuou na Rua das Laranjeiras entre as décadas de 1970 e 1980, tornando possível o estudo e o conhecimento do cotidiano de mulheres que tinham na prostituição a sua sobrevivência. Desse modo, a trajetória de Maria Buxinho tornará possível a compreensão do cotidiano dos meretrícios nessa rua.

Maria Domingas Santos, mais conhecida como Maria Buxinho, natural da cidade de Itiruçu-Ba, estudou até o 3º ano primário, estado civil solteira, veio para Jacobina em meados da década de 1970 e permanece na cidade até os dias atuais. Hoje está com 60 anos, tornou-se mãe e avó, é residente no bairro Jacobina IV onde mantém uma pequena mercearia na sala de sua casa. Maria Buxinho encontra-se hoje recebendo um auxílio-doença por possuir um problema crônico de coluna que a impossibilita desenvolver atividades laborais. Em seu relato, Maria Buxinho nos conta que o seu ingresso no mundo da prostituição se deu pelo fato de ter perdido o apoio familiar quando engravidou sem constituir família. Desse modo, ela afirma que foi obrigada a exercer este trabalho.

Logo que chegou à cidade de Jacobina com um filho pequeno para criar, não encontrou emprego, sendo sustentada pela avó de seu primogênito e um namorado, viu-se “obrigada” a ingressar no mundo da prostituição. Ela relata ter encontrado na prostituição a forma para se manter e adquirir o sustento de seu filho.

Primeiro, constitui filho e não tinha pai, procurava um emprego ninguém queria mi dá por eu tinha um filho, doa o filho eu não queria, então o único caminho que eu achei foi esse, pro que eu ficava com ele e retirava o dinheiro pra olha ele pelas zoras noturnas.<sup>31</sup>

No início não foi tarefa fácil, pois, segundo ela, passaram-se oito dias para a realização do primeiro programa, visto que a situação lhe causava estranhamento e

---

<sup>31</sup> Entrevista Maria Buxinho, Janeiro 2014.

ela teve que ser orientada pela dona da boate onde passou a residir. Ela narra que no primeiro dia estava sentada na mesa e a dona da boate lhe apresentou a um homem que sentou-se à mesa e lhe ofereceu uma bebida, mas ela não aceitou e foi chamada pela proprietária que passou algumas informações de como proceder naquela situação. Após receber as instruções, ela saiu em disparada para a casa de uma vizinha, só retornando no dia seguinte.

Como Maria Buxinho, muitas foram as mulheres que adentraram nessa vida por esse e por outros motivos, tais como como violência familiar, desqualificação profissional, dentre outros fatores.

Durante o processo de coleta das entrevistas para a realização desse trabalho, observaram-se várias explicações acerca do ingresso no mundo da prostituição: a ausência de apoio da família era um dos motivos mais recorrentes nos relatos das entrevistadas, além da falta de qualificação profissional para o ingresso em outras áreas do mercado de trabalho.

A dinâmica do trabalho exercido pela prostituta atribuía a ela o papel de aproximação na hora da conquista do cliente e muitas eram as estratégias para se manter nesse ramo de trabalho. Por ser uma atividade inconstante, onde cada dia é único, essas mulheres se utilizavam de muitas ferramentas para atrair o cliente e isso exigia uma série de habilidades por parte delas.

Muitas recorriam ao charme e a elegância de vestidos rodados e compridos, perfumes marcantes, olhares sedutores, enquanto outras optavam por exibir suas curvas com roupas mais curtas e decotadas. Essa atmosfera de sedução proporcionada pelas meretrizes na conquista dos seus clientes, estava muito atrelada à característica do exercício da prostituição. As boates com quartos ao fundo, casa própria, pensão e a própria rua disponibilizava variadas formas de assédios e práticas eróticas para os frequentadores.

Com todas essas particularidades a Rua das Laranjeiras não era vista com bons olhos por alguns moradores das ruas vizinhas, pois as atividades desenvolvidas nela fugiam às regras e padrões de moralidade defendidos pelas pessoas que residiam próximas a essa rua. Algumas estratégias eram adotadas pelos moradores vizinhos à rua, em especial pelas mulheres casadas, moças e crianças que essas traçavam diferentes rotas a fim de não trafegar pelas imediações

da dita rua nos dias que antecediavam aos fins de semana, quando a movimentação era maior. Como aponta Maria José em sua entrevista:

Que mulher casada não podia passar por ali, na aquela época uma moça passava ali por dentro? Não, que é brega, Deus mi livre, Deus mi livre de passa ali por dentro, só tem mulher ruim, [...] porque não prestava as vezes tinha palavrão, por que ali dava muito bêbado de sábado pra domingo, de sexta pra sábado dava muito bêbado mesmo[...].<sup>32</sup>

A Rua das Laranjeiras tinha seu ponto alto nas noites de sexta e sábado. Nestes dias o transitar era intensificado e a disputa por clientes se tornava acirrada, por isso exigia uma série de habilidades desenvolvidas pelas prostitutas que ali atuavam. Ao cair da noite, o salão das boates se tornava palco da conquista dessas mulheres. Os clientes chegavam na boate e logo eram capturados pelo olhar atento das prostitutas de plantão e muitas vezes, eram elas as primeiras a tomar a iniciativa de chegar no freguês, já que a disputa entre elas era grande. Esse contato se dava através do pedido de um copo de cerveja, um cigarro, quando não diretamente pela oferta do programa. Se o cliente aceitasse a abordagem, este contato poderia se alongar noite adentro, possibilitando à prostituta a aquisição de sua renda.

A partir dessa análise, nota-se que a boate se constituía em um palco onde eram desenvolvidas as preliminares do programa que tinha seu preço e que na maioria das vezes, era negociado com antecedência para evitar eventuais transtornos quando o cliente era desconhecido da casa, ou quando não se apresentava com padrões que o diferenciava das classes sociais hierárquicas da cidade. Os programas tinham um preço médio estabelecido entre as meretrizes, mas sofriam variações conforme as circunstâncias e especificidades de cada um, a exemplo da duração.

Um programa podia ter duração variável, podendo se estender por toda a noite ou por algumas horas, incluindo a abordagem na boate realizada pela meretriz, na maioria dos casos até a ida para o quarto, que poderia ser de sua propriedade ou alugado na boate onde frequentavam. Entretanto, existiam circunstâncias em que o cliente não estava disposto a realizar o ato sexual, mas sim em traçar redes de sociabilidade com as prostitutas com as quais discorriam diálogos sobre variados

---

<sup>32</sup> Entrevista Maria José, Março 2014.

assuntos, muitas vezes com um teor mais erotizado, diferentemente do que mantinham com mulheres pertencentes a outra classe social.

De fato, nem todas as abordagens das meretrizes eram bem sucedidas. E pelo fato de terem o corpo como instrumento de trabalho, estavam expostas às mais diversas formas de violência. Entretanto, elas reagiam às adversidades também de diferentes formas, uma vez que estas situações se faziam presentes nesse trabalho, já que se encontravam com os mais variados tipos de clientes.

Muitas vezes, essas conquistas eram permeadas por uma atmosfera conflituosa, pois havia algumas disputas entre as prostitutas. Algumas situações cotidianas podiam desencadear trocas de ofensas e até mesmo lutas corporais. Se uma prostituta estivesse com um cliente e outra se aproximasse, e isso representasse uma ameaça para a que estava à mesa com o cliente, isso era motivo de discórdia gerando uma onda de discussões acaloradas e em muitos dos casos, chegavam-se as vias de fatos e a rua tornava-se palco de batalhas, pontapés, puxões de cabelo, dentre outras formas de violência física.

No trabalho de Nélia Santana, ela observa o fato de que essas brigas eram constantes entre as prostitutas nos locais de prostituição e elas incluíam outros fatores, tais como os de ordem econômica, racial, além das razões sentimentais que permeavam esses relacionamentos.

Disputas também ocorriam com assiduidade entre as rameiras. Na Rua Manoel Vitorino, Arlinda Freitas e Guilhermina se empenharam em luta corporal por causa de um homem. Pelo mesmo motivo, as horizontais Maria Julia de Paixão e Maria Altina da Conceição, moradoras à Baixa dos Sapateiros, acabaram no xadrez depois de acalorado conflito [...].<sup>33</sup>

Ela ainda aponta para o fato de que essas discórdias também atingiam a esfera masculina, e que esta violência envolvia casos de abandono ou troca de parceiros, gerando assim um quadro de insegurança por parte do homem no que se refere à conquista de uma mulher, pois na impossibilidade de manter o controle sobre a meretriz, este apelava para a agressão no intuito de dominar a relação.

Um outro aspecto das relações envolvendo prostitutas diz respeito às disputas dos homens por meretrizes. Na Rua do Colégio, o árabe Armando

---

<sup>33</sup> SANTANA, 1996, *op. cit.*, p. 14.

Salé e um oficial da Guarda Nacional promoveu grande confusão, ao som das bofetadas, por causa de uma mundana [...] <sup>34</sup>

Os ciúmes e rixas tornavam-se elementos centrais nas divergências ocorridas nas zonas de meretrício. O que não era diferente em Jacobina, na Rua das Laranjeiras, onde as meretrizes, proprietários e os clientes se engalfinhavam pelas mais diversas situações, a exemplo da agressão sofrida por Darci Souza Rêgo, ex-proprietária de uma boate na referida rua, que foi vitimada por Eudes Martins de Souza, conforme consta no processo crime analisado:

Conta do inquérito policial que na noite do dia 28 de Junho do ano de 1972, na zona do Pilunga, em um boteco de Jardelino Francisco Pereira, o acusado que estava com alguns companheiros, pediu uma janta de mocotó e depois de terminar o mocotó, pediu a conta e agarrou o prato e arremecou na cara da vítima, que ali estava jantando, sem ter havido nenhuma discussão. O prato cortou o rosto da vítima produzindo-lhe as lesões [...] A vítima atribui a agressão sofrida como tendo um caso anterior de Cascudo em que o mesmo foi envolvido em um defloramento de uma moça que se achava na zona do meretrício talvez pensando que a declarante tenha sido a pessoa que o denunciou. <sup>35</sup>

Essa violência também estava atrelada à questão do uso de drogas por parte dos clientes e das meretrizes, que encontravam nela um artifício para enfrentar as noites nas casas de prostituição.

Agora tinha muita briga por que, tinha gente que usava droga demais, usava, naquele tempo já tinha a tal da maconha, já existia, eu só não conheci, mas já tinha injeção elas usavam na veia, tinha os comprimidos que elas tomavam, dizia que era pra ficar muito doida, entendeu, é tanto que tinha mulé que elas entrava em pânico e elas se cortava, ficava doida [...]. <sup>36</sup>

Por ser um campo de trabalho muito dinâmico, o transitar das mulheres na Rua das Laranjeiras era bastante intenso e algumas dessas mulheres preferiam não ter que residir nas boates, pelo fato de terem que cumprir ordem dos proprietários.

Elas tinham que estar no salão na hora determinada, comer e beber o que era oferecido por ele, em alguns casos tinham de realizar tarefas domésticas,

---

<sup>34</sup> Idem, p. 15-16.

<sup>35</sup> Arquivo Público Municipal de Jacobina. Sessão Judiciária. Ação de Destaque. Interessados: Darci Souza Rêgo e Eudes Martins de Souza. Caixa 44, maço 2, 1977.

<sup>36</sup> Entrevista, Maria Buxinho, Janeiro de 2014.

permanecer no estabelecimento até a hora do seu fechamento. Por um lado, estas condições eram vistas de forma positiva para as que se submetiam a esta condição, pois elas tinham a garantia de ter um abrigo e suas refeições garantidas, além do lucro do programa que nestes casos estava isento de despesas.

Mas, para outras, esta submissão era encarada de forma negativa e por isso algumas procuravam formas para se manter de maneira autônoma: alugavam quartos, dividiam aluguel de casa com outras parceiras, no intuito de fugir do controle imposto pelos donos das boates. Estes foram alguns dos motivos que levaram Maria Buxinho a alugar uma casa e se tornar “independente” dentro da zona de meretrício da Rua das Laranjeiras.

[...] como não dava pra mim mora em boate, por que você tinha horário de tá, tinha horário de tudo, então eu assim que eu pude, eu procurei arrumar uma casa, aluguei minha casa, então minha vida ficou independente, eu entrava onde eu queria, eu bebia se eu quisesse, eu ia dormir a hora que eu queria, então fiquei independente lá dentro, independente, não devia nada a ninguém [...] São obrigadas, são obrigadas a ficar até a hora de fechar a boate, um, é obrigada as vezes ela queria que, há mais chegou ,tem o diero, eu dizia: não comigo, eu sou diferente ,se a senhora mi quiser aqui? Por isso que eu sai, eu no sou obrigada, se chegar ai um cara sujo, mal trapilho, eu sei a conduta dele, eu no vou sair com ele não. Há mas aqui é assim, eu digo, é tudo bem, ai arrumei um diero, aluguei uma casa sai, mas nunca fiz o que elas quiseram, nunca, toda vida eu fui pedante[...].<sup>37</sup>

E para fugir desse controle era necessário um investimento maior por parte dela e das outras que não se submetiam as tais condições já citadas, era preciso buscar os clientes em várias boates, o que exigia mais determinação, pois tinham que conquistar os clientes que circulavam pelas diferentes boates existentes na Rua das Laranjeiras.

Algumas buscavam na bebida uma forma de encorajamento para enfrentar as noites de procura por clientes, pois, elas conseguiam ter mais desenvoltura na hora da abordagem, por estarem sobre o efeito do álcool. Muitas eram as prostitutas que se tornavam alcoólatras, tornando assim mais difícil sua sobrevivência no mundo da prostituição, pois uma vez que se encontravam embriagadas não poderiam atender aos clientes e, conseqüentemente, não adquiriam dinheiro para seu sustento ou quando obtinham algum gastavam com o álcool. Isto causava um quadro de degradação humana, pois estas mulheres ficavam mais vulneráveis para

---

<sup>37</sup> Entrevista, Maria Domingas, Janeiro de 2014.



os clientes golpistas que viam nelas a oportunidade de realizarem um programa sem custos.

Não de cara limpa eu não ia pra rua procurar cliente não, agora depois que eu tomava umas duas, ai eu me ajeitava todinha, né, ai eu já tava com umas duas ou três na cabeça ai me subia uma coragem pra me ir procurar, depois que eu tivesse cheia, mais sabendo uma coisa que eu tava fazendo né, pra nem um me da calote.[...] ainda tinha isso, tinha vez de dizer assim olha ela tá cheia vou aproveitar e da o calote, né ou então fazer o que bem quer, não tomava duas ou três, pra poder ficar animada, pra poder animar, pra poder agente procurá.<sup>38</sup>

A partir deste relato é possível perceber como o álcool se fazia presente no cotidiano dessas mulheres, que atuavam nos meretrícios da cidade, uma vez que este era tido como um refugio encontrado por muitas na busca para driblar as condições adversas em que se encontravam.

## 2.2 As relações corporais no meretrício

O campo da prostituição também apresenta outros elementos que merecem ser analisados e um deles se refere aos limites impostos pelas prostitutas em relação às diferentes práticas sexuais realizadas por elas. Muito diferente do que se pensava, em relação ao corpo da prostituta, como sendo um local isento de limites para o ato sexual. O que se percebe com os relatos é que para algumas mulheres, o copo era um local que apresentava algumas reservas, no qual práticas consideradas libidinosas não eram permitidas e por isso eram impostos alguns limites. Neste sentido, torna-se evidente o fato de algumas meretrizes não compartilharem de práticas que fugiam dos padrões por elas adotados.

Em seu trabalho sobre a prostituição em Copacabana na década de 1970, Maria Dulce Gaspar salienta que eram comuns as restrições nos contatos entre as prostitutas e os clientes.

A boca parece ser um desses casos. No universo estudado ela é destacada e deve ser resguardada, pois em contraposição aos órgãos sexuais, é um lugar pelo qual se estabelecem inúmeras comunicações que sedimentam as mais variadas relações (de parentesco, de amizade, de crença religiosa

---

<sup>38</sup> Entrevista, Maria José Alexandrina de Jesus, Maio de 2014.

etc). Através da alimentação, ela é ainda veículo e vínculo com a parte interior do corpo.<sup>39</sup>

Sendo assim, podemos perceber como estas mulheres lidavam com seu corpo resguardando algumas partes tidas como íntimas, e que só se tornavam reveladas em determinadas situações e com determinadas pessoas, pois muitas meretrizes mantinham relacionamentos amorosos paralelos aos trabalhos ou quando se interessavam por um cliente, exceções eram abertas e o programa ganhava algo a mais que o combinado.

Vejamos o caso de Maria Buxinho que nos revela como procedia em relação aos limites do seu corpo e, em específico, a boca.

[...] negocio de tá chupando língua, Deus é mais, não, boca não, tá beijando eu quero ganha é diero né, beja? [...] pra que? bejava os meus, que eu lhe falei sim, né, mas os outros não, tinha uns que não [...] era só serviço, tava prestando um serviço, tava prestando serviço né não é? Se você vai varrer minha casa não e obrigado arrumar minha cama, só se tivesse entrado no contrato, não entrou no contrato bejo, entrou? bejo era lá pros mais que a gente gostava, tinha aquela simpatia, mais intimo né, e ai rolava né mais o resto não eu era desse jeito.<sup>40</sup>

Esse resguardo do corpo também se mantinha em relação às práticas sexuais, pois para algumas meretrizes o programa não incluía a presença de “terceiros”. O ato se restringia à prostituta e seu cliente. Em alguns casos, as meretrizes não se permitiam compartilhar dessas práticas sexuais em que haveria a presença de uma terceira pessoa ou de várias, como relata Maria Buxinho em seu depoimento:

Uma vez mesmo eu tava bebendo. Tava eu, ele, (um japonês), mais uma, uma era Cici, outra era Zumirinha, outra era Cajuina numa mesa e eu, ai começamo bebe, ai comesaro a combina os quarto, tal ali, mais ali da pra tudo mundo. Eu fiz, como é? Não to entendendo não, falou, não aqui dessa mesa aqui agente vai tudo pro quarto só. Eu falei, eu não! Ah você não vai por que? Eu digo, por que eu não vou e ai já fui esparramado da mesa, já fui levantando e eu não quero mais nada, aqui já vou saindo ai foi que o grande levantou e pegou na minha mão disse não você não é obrigada a ir não, você vai se você quiser, hipótese, o que nos queremos aqui é isso mas se você não concorda não tem problema, você vai continuar na mesa e eu também vou está fora, quando a gente sai todo mundo daqui vocês pega o caminho de vocês que essa aqui me serve vou sai com essa daqui, e foi

---

<sup>39</sup> Maria Dulce Gaspar. Garotas de programa. Rio de Janeiro: Zahar, 1985,p,117. In: SANTANA, Nélia de. *A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)*. Dissertação de Mestrado. Salvador 1996. p 24.

<sup>40</sup> Entrevista, Maria Buxinho, Janeiro de 2014.

isso que aconteceu, de lá eu fui lá pra casa dele dormir, sabe quanto ele me deu? Um pau de 100.vixi nossa Senhora era diero vivo [...].<sup>41</sup>

Segundo Renan Freitas,<sup>42</sup> o programa ganha um contexto de negociação, pois as meretrizes diferenciavam suas práticas sexuais com os clientes e os não clientes, as quais eram agenciadas pelo corpo, pois, uma vez que não fosse colocado o que era não permitido pela prostituta durante as relações sexuais com seus clientes ou não, na maioria das vezes práticas compreendidas como práticas afetuosas eram entendidas como um rompimento de contrato. Freitas aponta para o fato de que dentro da prostituição a mulher trabalha com diversas identidades.

Não obstante, Maria Dulce Gaspar<sup>43</sup> sugere que as prostitutas utilizam o corpo para estabelecer uma diferença entre os clientes e os não clientes. E neste sentido, é comum que elas resguardem algumas partes dos seus corpos para não serem tocadas por seus clientes. Algumas práticas sexuais não se realizam com eles e, se por ventura acontecer, haverá algum limite simbólico que diferencie esta relação das demais.

A autora alude que há algumas formas particulares para se relacionar com o próprio corpo, onde limites são adotados. Sendo assim, partes do corpo tornam-se sagradas e só se revelam para seus afetos, pois é a partir desta separação simbólica do corpo que ela consegue racionalizar seu trabalho, pois, é sabido que o corpo é o instrumento de trabalho da prostituta e ela o percebe como sendo algo que exige cuidados específicos referente a saúde.

O cuidado com o corpo vai mais além das práticas sexuais permitidas ou não pelas prostitutas, visto que as doenças sexualmente transmitidas são algo que assola a humanidade há vários séculos. No final do século XVIII e início do XIX na França,<sup>44</sup> no luxo dos grandes bordéis franceses era comum os mais variados tipos de doenças venéreas, entre elas a Sífilis, que infectava meretrizes e clientes. As autoridades governamentais buscavam desenvolver campanhas no sentido de combater o contágio dessas doenças que tinham uma ligação com a prostituição.

---

<sup>41</sup> Entrevista, Maria Buxinho, Janeiro de 2014.

<sup>42</sup> FREITAS, Renan S. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.

<sup>43</sup> GASPAR, 1984, *op. cit.*, p. 116.

<sup>44</sup> SARAIVA, Luís Junior. *Prostituição e o aprendizado de práticas corporais no bairro do Jurunas em Belém do Pará*. Revista EDUCAmazônia, Ano 6, Vol XI, Número 2, Jul – Dez, 2013, p. 111.

Em Jacobina desde o início do século XX as doenças sexualmente transmissíveis já faziam parte do cotidiano da cidade, como apresenta os estudos realizados por Batista.

Com base nestas ideias, é possível refletir sobre como os elementos que compunham as intervenções sanitárias em Jacobina nas primeiras décadas do século XX, em especial no que diz respeito às doenças sexualmente transmissíveis, se articularam às matrizes discursivas sobre a sífilis e, no intuito de modernizar a cidade, ditaram normas comportamentais e contribuíram para a reprodução das convenções de gênero e sexualidade.<sup>45</sup>

No Brasil do período colonial, o autor Gilberto Freire apresenta outro olhar para essa doença que teve como propagadores os portugueses e para o período, ela foi tida como sinônimo de afirmação masculina.

Da ação da sífilis já não se poderá dizer o mesmo; que esta foi a doença por excelência das casas-grandes e das senzalas. A que o filho do senhor de engenho contraía quase brincando entre negras e mulatas ao desvirginar-se precocemente aos doze ou treze anos. Pouco depois dessa idade já menino era donzelão. Ridicularizado por não conhecer mulher e levado na troça por ter marcas de sífilis no corpo.<sup>46</sup>

Outra questão também a ser pensada no que se refere à França do início do século XIX, é no que refere às técnicas utilizadas pelas meretrizes no controle dos clientes para saber se os mesmos se encontravam sadios ou não, uma vez que a percepção estava relacionada a dor. Uma das estratégias era apalpar o órgão genital masculino, com o intuito de perceber alguma reação anormal por parte do cliente, o que sinalizava para o fato de que ele estava com alguma doença venérea.

O que se nota é que, nesse período, a presença da doença para a meretriz era detectada por meio do toque em determinada parte do corpo do seu cliente. Mesmo com o passar dos séculos, a técnica de apalpar o órgão genital masculino se manteve. Pode-se perceber que este artifício ainda era utilizado pelas prostitutas da Rua das Laranjeiras, na cidade de Jacobina, como forma de evitar o contágio dessa e de outras doenças sexualmente transmissíveis.

Em entrevista, Maria Buxinho conta como fazia para saber se o cliente estava ou não com alguma doença, pois, segundo ela, contrair tal infecção traria

---

<sup>45</sup> BATISTA, 2012. op. cit., p 38.

<sup>46</sup> FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990. p 82.

riscos à sua saúde e, conseqüentemente, ao seu trabalho, já que a mesma teria de se afastar das atividades sexuais para se tratar.

Agora eu era assim, a duchona lá, quando o cabra sai aqui eu pegava a ducha, sai tudo, lavava, mi asseava, e outra coisa, eu tinha que olhar lá ele viu, é eu olhava, botava pra apertar, tudo isso eu fazia [...]. Era, exatamente, se o cabra entrasse, quando ele entrasse aqui, se a luz tava acesa e ele fazia ô ( gesto de apagar a luz) eu dizia, não deixe acesa, Não eu no gosto de ficar com mulher de luz acesa não. ou pelo menos eu apago a luz, agora depois, vá pegue seu negocio ai, que eu mesmo, eu mesmo não ia pega não, dizia um bora aperta, pra mi ver se saia alguma secreção errada, olhava se lá ele fosse “desmarcado” ( pênis grande) eu no ia no fazia não no tinha quem fizesse, eu dizia eu no vou ai não [...] e se ele não quisesse mostrar, lá eu dizia também não vou não, você deve tá com alguma coisa doença, você de tá com alguma coisa porque que você quer que apague a luz eu não vou ficar com você não de jeito nenhum.<sup>47</sup>

Maria Buxinho relata também que quando não era “diagnosticado” por ela se o cliente tinha ou não uma doença, outras medidas eram tomadas para evitar o possível contágio com outros clientes, como manter-se reclusa do trabalho por alguns dias a fim de notar se algum sintoma da doença se manifestaria. Caso isso não ocorresse, ela retomaria sua rotina.

[...] se eu tivesse duvida, às vezes eu tinha caso com um cara e eu tivesse uma duvida, eu passava 4, 5 dias sem querer ninguém, que eu tinha medo, eu ficava observando ali o, observando rum, que vai que o outro tivesse, era 3, 4 dia a data de passa de uma pessoa pra outra, então se eu no via sintoma nenhum, ai eu ia, se ele dizia lá, eu dizia não, é por que aconteceu isso e, eu to em duvida, ai os cara me dava o diero, como é você no vai comigo porque? Não eu fiquei com um cara aqui e tem uns quatro dias e eu fiquei na duvida dele entendeu? Então é melhor não por que vai que passou pra min já tá nos 3, 4 dias se você for pode passar pra você e depois você pode vir aqui dizer que eu lhe procurei, ele dizia – olha por causa disso aqui o eu vou lhe da isso aqui o depois eu venho aqui, era assim.<sup>48</sup>

Segundo ela, essa espera de certo modo não causava maiores prejuízos à sua renda, pois a maioria de seus clientes eram pessoas abastadas da cidade e que lhe recompensavam muito bem pelos seus serviços, por isso ela podia ficar alguns dias sem desenvolver seu ofício, uma vez que a renda obtida anteriormente era suficiente para manter as necessidades básicas por alguns dias enquanto não “diagnosticava” o contágio da doença.

---

<sup>47</sup> Entrevista com Maria Buxinho, Janeiro de 2014.

<sup>48</sup> Entrevista com Maria Buxinho, Janeiro de 2014.

Segundo Maria Dulce Gaspar,<sup>49</sup> o corpo e a região pubiana em particular, recebiam atenção especial no intuito de proporcionar uma sensação de limpeza. Esse cuidado tinha formas peculiares, tais como a lavagem da região genitália com shampoo, creme "rinse", pentear e aparar os pelos. Esses cuidados estavam atrelados a noção particular de higiene.

Após o término das relações sexuais, para algumas mulheres, era necessário tomar algumas providências acerca da higienização do corpo: lavagens das mais variadas maneiras era uma das formas encontradas para manter o local "não poluído", livre dos estigmas atribuídos a ele.

Para as prostitutas, o corpo era um meio de sobrevivência. Sendo assim, era de se considerar que as mesmas cultivassem hábitos de higiene e procurassem manter o corpo livre de doenças. As meretrizes que tinham infraestrutura melhor de trabalho e atendiam uma clientela mais abastada podiam contar com uma condição melhor para cuidar das eventuais doenças as quais estavam expostas. Por outro lado, as prostitutas que atuavam em casas menores e com falta de organização, e atendiam a uma freguesia com poder aquisitivo menor, eram as popularmente conhecidas "pinga pus". Consequentemente, tinham menos estímulos para se cuidar, o que de certo modo propiciava o contágio e a transmissão das doenças venéreas.

Maria Buxinho nos chama a atenção para o fato de que as doenças eram "avançadas" e por isso gastava muito com medicamentos para evitar a contaminação, além de recorrer a outros métodos, a exemplo da água de sal, chás e banhos de ervas que eram utilizados por ela com o intuito de prevenir o contágio.

[...] eu gastava muito com farmácia você entendeu? Por que eu tinha medo de doença, por que a doença era avançada, então eu tinha medo, eu só vivia atrás de Vando da farmácia era um que trabalhava pra Ernestino, aí eu chegava lá e dizia, Vando eu quero uns remédios preparatórios, ele min dava entendeu! Usava muita água de sal, eu tinha ducha, até hoje eu tenho guardada, ducha! Quando eu fazia o serviço eu ia na ducha com sal bem sal, a ducha lava tudo fica tudo limpinho com sal, por que o sal não pega nada [...]<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> GASPAR, 1984, *op. cit.*, p. 116.

<sup>50</sup> Entrevista com Maria Buxinho, Janeiro de 2014.

Maria Buxinho relata que encontrou muitos clientes generosos que lhe ajudavam de diversas formas, inclusive financeiramente, ao longo de sua permanência no meretrício. Segundo ela, essas gentilezas se davam pelo fato dela ser uma prostituta que se resguardava, não tinha envolvimento com drogas ilícitas, evitava brigas com as prostitutas e clientes e estava sempre de bom humor para atendê-los. Por estas circunstâncias ela contava com uma ajuda quase que semanal de um de seus clientes. "[...] ele sempre me dizia, quando você não encontrar um homem de responsabilidade, não se misture com quem não presta, vá no meu escritório buscar o dinheiro da feira[...]".<sup>51</sup> Desse modo, parte de suas despesas eram cobertas por esta renda extra.

Maria José, ex-prostituta da Rua das Laranjeiras, em sua entrevista também aborda o fato de contar com a contribuição de um cliente ao longo de sua passagem pela zona meretrício da referida rua. Ela relata que esse cliente não residia em Jacobina e que vinha à cidade para tratar de negócios a cada oito dias e na ocasião sempre a procurava, às vezes para a realização do programa, outras apenas para lhe dar algum dinheiro "[...] ele vinha de oito em oito dias, ele era vendedor de cebola era Jaidi, ele vinha dia de quarta ou então dia de quinta-feira e só ia embora na sexta [...]".<sup>52</sup>

Desta feita, nota-se uma relação que vai além do campo profissional entre a prostituta e seu cliente. Em alguns casos, estas mulheres tornavam-se “mulher por conta”<sup>53</sup> aquela que tinha suas despesas como moradia, alimentação, vestuário financiadas por um só cliente. Em alguns casos, elas chegavam a ser retiradas da prostituição e constituíam famílias.

### **2.3 Lazer e sociabilidades no meretrício**

Outros aspectos relacionados ao cotidiano das prostitutas da Rua das Laranjeiras dizem respeito ao lazer e suas relações sociais, uma vez que a vida no meretrício não se restringia apenas ao trabalho. Por isso, em alguns dias da semana, as prostitutas se reuniam para visitar as cachoeiras e outros espaços a fim

---

<sup>51</sup> Entrevista, Maria Buxinho, Janeiro de 2014.

<sup>52</sup> Entrevista, Maria José Alexandrina, Março 2014.

<sup>53</sup> SOUSA, 2013, *op. cit.*, p. 80.

de se divertirem. Ao cair da noite tinham que retornar para assumir seus postos nas casas de prostituição, conforme explica Darci.

Não saia muito não, quando não tinha nada agente chamava um taxi, um carro, tinha Zé Pezão, tinha outros, levava elas pro roncador que naquele tempo era uma cachoeira boa pra tomar banho, ai ia vivendo assim mesmo de noite tava tudo tranquilo em casa.

No entanto, a presença dessas mulheres não era vista com bons olhos em alguns espaços da cidade, principalmente nos locais em que frequentavam as elites jacobinenses, pois não se adequavam aos padrões de comportamento estabelecidos nesses locais. Por exemplo, havia restrições ao acesso dessas mulheres, segundo Maria Buxinho, pelo fato de as prostitutas não se portarem de forma adequada para a ocasião. O fato de ser prostituta não era empecilho para frequentar estes lugares, o que impedia era o comportamento apresentado pela prostituta nesses locais, por isso algumas eram impedidas.

Em seu relato Maria Buxinho conta que no transcorrer de sua permanência no meretrício da Rua das Laranjeiras, nunca sofrera discriminação quando frequentava outros locais pelo fato de ser prostituta, segundo ela sempre estava bem vestida e se comportava de maneira educada:

Eu vestia meu vestidão, chique meu Luís 15 entendeu, toda chique e quem é que ia min barrar, aqui não tava escrito (mão na testa) puta, não tava escrito, então quem se declara é a própria pessoa [...]. Agora tinha delas que ia e não entrava mesmo não, nas era pelo mau comportamento, pegava se vestia mesmo que nem uma puta, pegava um lapizão preto na sobancelha ficava aquela coisa mais horrorosa, batonzão vermelho roupa com a bunda de fora, usando palavras de baixo calão, todo mundo ia vê, é prostituta não deixa entra não vai esculhambar ai dentro ai dizia o infelizmente não vai entrar. Agora quando eu chegava, boa noite, boa noite, roleta aberta, dançava a noite toda ei que eu já dancei naquele Leader ali viu, 2 de Janeiro, Encantos das Águas, não tinha lugar pra eu não ir não.

No comércio local Maria Buxinho realizava suas compras de artigos pessoais e outros tipos de mercadorias sem nenhum problema, chegando a contar com crediário em alguns comércios da cidade sem precisar de avalista.

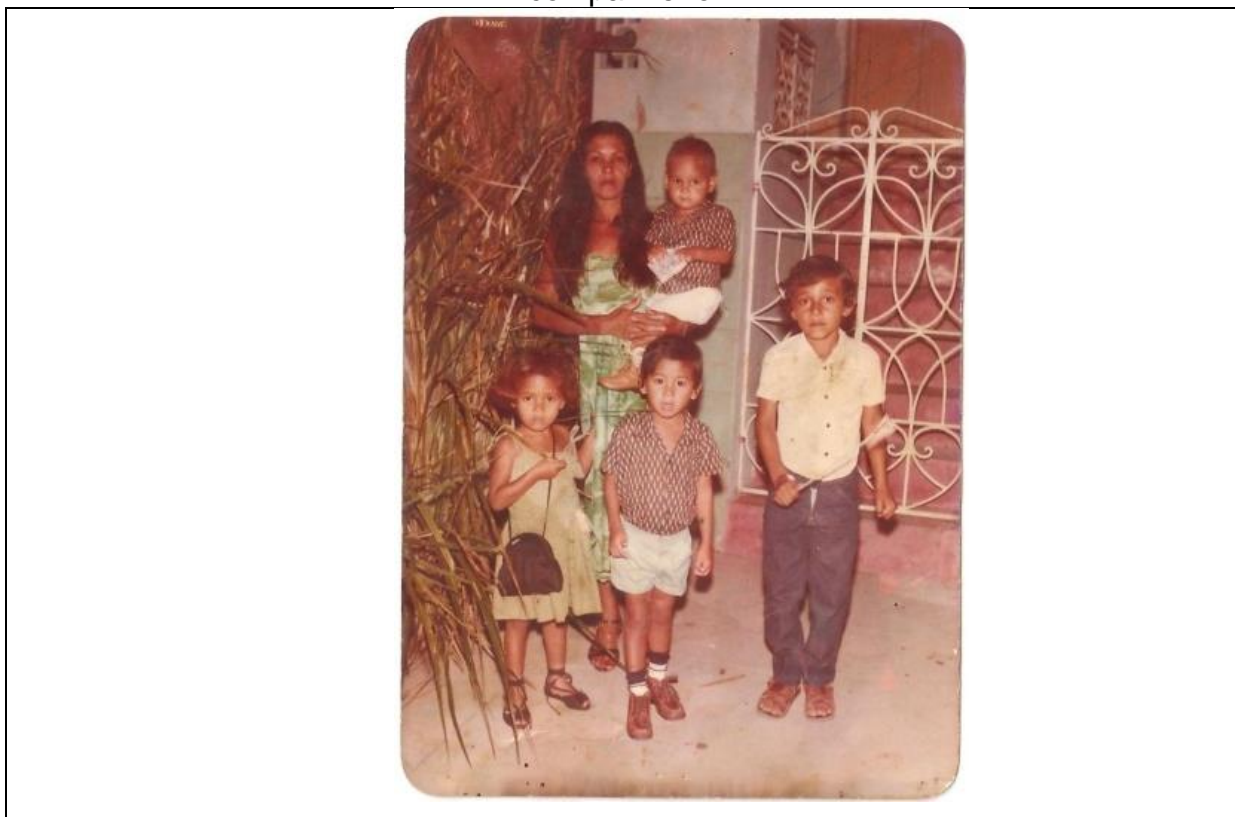
Por não residir nas boates, Maria Buxinho gozava de liberdade para aceitar programas com clientes que não queriam ficar nos estabelecimentos da Rua das



Laranjeiras, o que lhe proporcionava conhecer outros locais além dos de costume, propiciando que a mesma pudesse estreitar outros laços de sociabilidades.

Com o passar dos anos, Maria Buxinho muda a dinâmica de sua vida no meretrício das Laranjeiras quando passa a conviver com um proprietário de uma boate e parou de realizar programas. Sua função agora é outra, a de junto com o companheiro, administrar um bar onde há jogos de sinucas e com o passar dos anos ganhou um quarto nos fundos a fim de ser alugado para os programas das prostitutas e para os clientes que ali frequentam. Sendo assim, pode-se perceber uma ascensão na trajetória de Maria Buxinho, que no ano de 1987 deixa definitivamente a Rua das Laranjeiras. Na imagem a seguir podemos observar Maria e seus filhos juntamente com o sobrinho de seu companheiro junto à sua barraca na comemoração dos festejos de final de ano na missão.

IMAGEM 5: Maria Buxinho com seus 3 filhos a esquerda e o sobrinho do seu companheiro.



FONTE: Arquivo Pessoal de Maria Buxinho. 1981.

Percebemos que a permanência na zona de prostituição implicava em várias condicionantes, por isso muitas mulheres enxergavam nessa atividade uma forma passageira de vida e buscavam ao longo desse período maneiras de deixar este trabalho e buscar outras formas de sobrevivência.

E uma dessas implicações eram os filhos gerados ao longo da trajetória no meretrício. Muitas alegavam que não queriam criar seus filhos naquele lugar, uma vez que estavam vulneráveis a presenciar determinados acontecimentos e essa preocupação estava mais voltada para as crianças do sexo feminino, para quem certos valores morais da sociedade eram incorporados pelas prostitutas. Outro fator relevante eram as condições físicas das prostitutas que, com o passar dos anos, sofriam alterações. O corpo já não tinha mais os atributos de outrora e a conquista de clientes se tornava mais difícil. Em seus estudos, Nélia Santana faz menção a essa condição vivida pelas prostitutas.

O corpo que “vendia prazer” tinha seu potencial de sedução limitado pelo tempo. A gradual perda dos “encantos”, que serviam de elemento de troca no comércio sexual, colocava para a prostituta problemas reais da sobrevivência. A partir das evidências que encontramos, foi possível apurar que as prostitutas que estavam em atividade profissional ativa tinham idade que variava de 13/14 até 25/30 anos. Foram pouquíssimos os registros de meretrizes com mais de trinta anos ainda atuando no comércio erótico enquanto “mercadorias” de práticas sexuais [...] <sup>54</sup>

Sendo assim, entende-se que a vida no meretrício era uma fase passageira para algumas como foi para Maria Buxinho e para outras que permaneceram por um período atuando como prostitutas e depois saíram em busca de outras formas de sobrevivência em outros espaços da cidade.

---

<sup>54</sup> SANTANA, 1996, *op. cit.*, p. 33.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou apresentar o cenário da prostituição na cidade de Jacobina entre as décadas de 1970 a 1980 com a finalidade de compreender a dinâmica dessa atividade, com destaque para as relações cotidianas estabelecidas nos meretrícios da Rua das Laranjeiras, tomando como base a trajetória de vida de Maria Buxinho, ex-prostituta que atuou nessa rua no período estudado.

Através da trajetória de vida dessa ex-prostituta buscamos conhecer os bastidores dessas relações, sendo de vital importância para o desenvolvimento do trabalho, saber como eram desenvolvidas relações sociais e comerciais entre as prostitutas, os clientes, os proprietários e a sociedade de modo geral nos possibilitou entender melhor essa temática.

A partir de meados do século XX, o estudo da prostituição vem sendo objeto de pesquisa em diferentes esferas da sociedade brasileira e mundial, porém, para muitos esse tema permanece permeado por uma esfera de mistérios e preconceitos que foram sendo enraizados com o passar dos anos.

Buscamos compreender a dinâmica social das mulheres no cotidiano do seu trabalho nas casas de prostituição na Rua das Laranjeiras, em Jacobina - Bahia, nas décadas de 1970 e 1980, fazendo uma breve abordagem da cidade desde o seu surgimento até o período estudado, bem como a apresentação da Rua das Laranjeiras, cenário central da prostituição em Jacobina nesse período.

No transcorrer do trabalho identificamos as diferentes estratégias utilizadas pelas prostitutas e proprietários no processo de conquista dos clientes frequentadores das casas de prostituição da Rua das Laranjeiras nos dias de maior movimentação.

Foi discutido também o transitar das prostitutas pelas diferentes casas de prostituição em busca de programas e as adversidades encontradas por elas no desenvolvimento da sua atividade, bem como sua circulação em outros espaços da cidade, suas implicações e restrições, e as redes de sociabilidades que se constituíam nesses locais.

Em nossas pesquisas, vimos que o corpo da prostituta contém locais que possui ressalvas e não são permitidos na hora da realização do programa, um desses locais é a boca, onde não se permite beijá-la a não ser quando há um

envolvimento pessoal da prostituta com o cliente. Os cuidados com a higienização do corpo foi outro aspecto analisado, tendo em vista os diferentes mecanismos utilizados por elas no intuito de manterem-se limpas e livres de infecções.

Nas entrevistas identificamos a presença das doenças venéreas que se configuravam como sendo um problema para o desenvolvimento do trabalho das prostitutas. Esta preocupação fazia parte do cotidiano das prostitutas da Rua das Laranjeiras que buscavam estratégias para identificar e tratar as doenças que as acometiam.

Historicamente o estudo da prostituição se faz pelo fato desta estar presente nos discursos historiográficos e no cotidiano do povo que convive de diferentes maneiras com ela. Entretanto, muitas são as lacunas que permeiam esta abordagem repleta de estigmas, na qual a prostituição jacobinense estava inserida.

Nesse processo, compreendemos a Rua das Laranjeiras como sendo um local de multiplicidades, de moradias, de casas comerciais, de relações sociais e de poder, de resistência e sobrevivência.

Acreditamos que essa pesquisa é relevante pela perspectiva de apresentar as relações cotidianas das prostitutas da Rua das Laranjeiras na cidade de Jacobina e por integrar um novo viés acerca dos estudos históricos.

## FONTES DIVERSAS

### FONTES ORAIS

#### ENTREVISTAS:

**Darci Souza Rêgo:** garçone e proprietária de boate, residente na Rua Limoeiro, n 144, Caixa D'Água, data de nascimento 16/08/1939, aposentada, estado civil: solteira .

**Maria Domingas dos Santos** (Maria Buxinho); ex-prostituta, residente no bairro Jacobina VI, caminho 12, quadra 03, aposentada ,alfabetizada, estado civil solteira, data de nascimento 23/08/1953.

**Maria José Alexandrina de Jesus:** ex-prostituta, residente no bairro Catuaba, alfabetizada, aposentada, estado civil solteira

**Minelva Cipriano Nunes** (Dona Preta); proprietária de terrenos nas imediações dos cabarés, residente na Rua da Saudade s/n, centro, aposentada, estado civil casada,

**Nelcina Bernardina dos Santos:** ex-prostituta, residente na Rua Limoeiro nº126, Caixa D'Água, aposentada, estado civil casada, alfabetizada, data de nascimento 04/04/1941

**Rubens Teles do Carmo (Rubinho);** proprietário de casa de prostituição; residente na Rua das Laranjeiras, nº 16, Caixa D'Água, alfabetizado, autônomo, estado civil casado, data de nascimento 16/02/1939.

## FONTES ICONOGRÁFICAS

MAPA

AEROFOTO

FOTOGRAFIAS

## FUNTE JUDICIAL

PROCESSO CRIME

## REFERÊNCIAS

- ARAS, Lina; SARDENBERG, Cecília; VANIN, Iole (Orgs.). *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Salvador: NEIM/UFBA, 2001.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais, Histórias dentro da História. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BARROS, José D'Assunção. *O lugar da história local na expansão dos campos históricos*. Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira & Isabel Cristina Ferreira dos Reis (Organizadoras) História Regional e Local Discussões e Práticas. Conferência para I encontro de História Local/ Regional de UNEB, novembro de 2009.
- BATISTA, Ricardo dos Santos. *Lues venérea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenções de gênero e sexualidade em Jacobina- BA (1930-1960)* – Salvador, 2010.
- COSTA, Afonso. *Minha terra*, anais do 5º congresso de geografia I G e H da Bahia.
- DIAS, Maria Odila Leitada Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DEL PRIORE, Mary. *História do Cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.
- FARIAS, Sara oliveira. *Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina*. Tese de doutorado. Recife: UFP, 2008.
- FENELON, Déa Ribeiro. O papel da História Oral na Historiografia Moderna. In: *(RE)Introduzindo História Oral no Brasil*. José Carlos Sede Bom Meihy (org.) Xamã, São Paulo, 1996b: 22- 32.
- FREITA, Renan S. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GASPAR, Maria D. *Garotas de programa: prostituição e identidade social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002.
- MORAIS, Aparecida F. *Mulheres da Vida: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PASINI, Elisiane. *Limites simbólicos corporais na prostituição feminina*. Cadernos Pagu, (14) 2000: pp. 181-200.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro.

Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Jacobina: Relatório Final. Referencial Básico/Partido Urbano. Novembro, 1999.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890- 1930)*. Rio de Janeiro, 1991.

SARDENBERG. M. Cecília. *Relações de Gênero: Uma breve introdução ao tema*.

SCOTT. , Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 16 (2): 5-22 jul./dez. 1990.

SANTOS, Vanicléia Silva. *Sons, danças e ritmos: A micareta em Jacobina - Ba (1920-1950)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2001.

SANTANA, Nélia de. *A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)*. Dissertação de Mestrado. Salvador 1996.

SARAIVA, Luís Junior. Revista EDUCAmazônia. *Prostituição e o aprendizado de práticas corporais no bairro do Jurunas em Belém do Pará*. Ano 6, Vol XI, Número 2, Jul – Dez, 2013, Pág. 107 – 124.

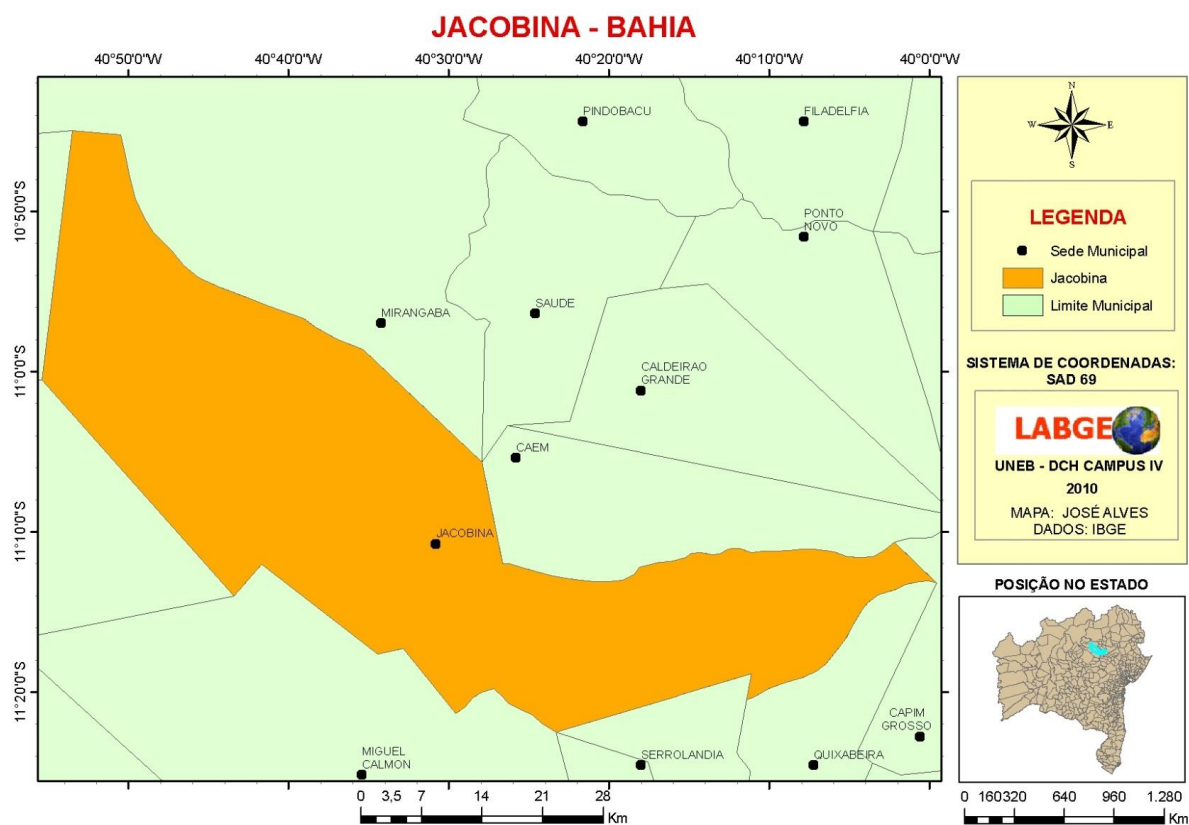
SCHETTINI, Cristiana. “*Que tenhas teu corpo*”: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUSA, Angelita Cunha da Silva. *A Rua do Maga-Sapo: cotidiano e representações da prostituição em Vitória da Conquista -BA (1950-1971)*.

## ANEXO 1

Mapa de localização do Município de Jacobina e suas fronteiras



FONTE: ALVES, 2010